

Rui Pedro Alpendre Aniceto

Symposion

Argumento Cinematográfico Original

Trabalho de Projeto do Mestrado em Estudos Artísticos, orientado pela Doutora Marta Teixeira Anacleto, apresentado ao Departamento de História, Estudos Europeus, Arqueologia e Artes da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

2017



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Faculdade de Letras

Symposion

Ficha Técnica:

Tipo de trabalho	Trabalho de projeto
Título	Symposion. Argumento Cinematográfico Original
Autor/a	Rui Pedro Alpendre Aniceto
Orientador/a	Marta Teixeira Anacleto
Júri	Presidente: Sérgio Emanuel Dias Branco Vogais: 1. Maria Marta Dias Teixeira da Costa Anacleto 2. Osvaldo Manuel Alves Pereira Silvestre
Identificação do Curso	2º Ciclo em Estudos Artísticos
Especialidade/Ramo	Estudos Fílmicos e da Imagem
Data da defesa	17-10-2017
Classificação	18 valores



Symposion

Symposion

Symposion é um argumento cinematográfico original desenvolvido como trabalho de projeto final do mestrado em Estudos Artísticos. Conta a história de cinco amigos que se reúnem para um jantar, anos depois de saírem da faculdade. Em *flashback* vemos uma outra narrativa, que observa esses cinco amigos, agora acompanhados por um outro, durante a última noite de faculdade, quando vão a uma festa.

Adicionalmente, escrevi um comentário ao argumento, no qual faço uma reflexão pessoal sobre o processo de escrita, influências ao texto, e o produto final. Assim, de uma forma global, o trabalho de projeto corresponde ao intuito de prolongar, de um modo pragmático, a investigação realizada, ao longo do curso, sobre o cinema e o argumento cinematográfico.

Symposion is an original screenplay developed as a project work of the masters in Artistic Studies. It tells the story of five friend who reunite for a dinner some years after finishing college. Through a *flashback* we also see those same five friends, now accompanied by another, during the last night of college, as they go to a party.

Additionally, I wrote a commentary to the screenplay, in which I comment the writing process, the influences to the text and the final product. Thus, in a general way, the project work meets the intent of prolonging, in a pragmatic manner, the investigation done, throughout the course, regarding cinema and the screenplay.

Índice geral

Parte I - Argumento Cinematográfico Original *Symposion*

Parte II - Comentário ao Argumento:

1-Ponto de partida para o trabalho.....	2
2-Síntese da história e apresentação das personagens.....	4
2.2-História.....	4
2.3-Personagens.....	5
3-Alterações às ideias originais.....	7
3.1-Maior número e relevância das cenas sérias.....	7
3.2-Flashbacks.....	8
3.3-Cenas com menos diálogo.....	9
4-Notas sobre o processo de escrita.....	10
4.1-Estilo de escrita.....	10
4.2-Descrição das imagens sons e espaços.....	10
5-Influências.....	15
6-Breve Balanço.....	17
7-Bibliografia geral consultada.....	18
8-Agradecimentos.....	19

Parte I

Argumento Cinematográfico Original

Symposion

Symposion

By

escrito por

INT. CASA DE LUIS - FINAL DE TARDE

Imagens de uma mesa posta para cinco pessoas. A disposição dos pratos e talheres coloca uma pessoa a cada extremidade, duas pessoas de um lado e uma do outro. As imagens são estáticas. Diferentes perspectivas da mesa (mas sempre horizontais). Outras divisões. Vemos estantes, depois um ângulo mais aproximado. Títulos de livros. Um gato num sofá (gato preto). Sons da televisão que não vemos mas supomos.

Cozinha. Duas pessoas: uma, junto do balcão, corta legumes.

É Ana, namorada de Luís (que está junto dela com o telemóvel nas mãos). Têm ambos os seus vinte e cinco ou vinte e seis anos.

Sons dessa cozinha: faca que corta legumes, tachos no fogão.

Voltamos à mesa, desta vez vista de cima. "Symposion" surge em letras brancas, respeitando os contornos da mesa.

EXT. ESTAÇÃO DE SERVIÇO - MEIO DA TARDE

Um homem de braços cruzados sobre um carro. Descansa o queixo nos braços e olha para lá da câmara que o encara. É Carlos, também ele com os seus vinte e cinco ou vinte seis anos.

Espera Mariana, a sua namorada. Depois de alguns segundos Carlos sorri.

MARIANA (O.S.)
(riso sarcástico)
Hilariante.

Mariana está a sair da estação de serviço com uma garrafa de água numa mão e um saco noutra. Atira para Carlos a garrafa de água. É um gesto fruto de uma leve irritação misturada com algum divertimento que nunca desaparece. Carlos apanha a garrafa que entretanto caiu ao chão e ambos entram no carro.

Ele olha para ela depois de se preparar para ligar o carro.

CARLOS
(sorri amigavelmente)
Desculpa.

Mariana atira o saco para o banco de trás.

MARIANA
(atirando-lhe um olhar
divertido)
Tanto faz. Mas pagas tu as calças.

CARLOS

Tenho que te comprar umas novas?
Não se podem lavar?

MARIANA

Obviamente. Mas é o principio. As
circunstâncias. Quer dizer, eu tive

MARIANA (CONT'D)

que trocar de calças numa estação
de serviço! Para todos os efeitos
aquelas calças nunca mais serão as
mesmas.

CARLOS

Bah! Materialismos...
(sorri)
geração perdida!

Vemos a cara de Mariana. Ri-se.

INT.APARTAMENTO DE SILVESTRE - INICIO DA TARDE

APARTAMENTO PEQUENO. ESCURO, A ÚNICA JANELA TEM AS CORTINAS
FECHADAS. SILVESTRE DORME. LIVROS NA SECRETÁRIA, NA MESA DE
CABECEIRA, NO CHÃO, JUNTO DA MOBÍLIA. NA PAREDE UMA
FOTOGRAFIA DE VERGILIO FERREIRA, EMOLDURADA DESSE MODO
RELIGIOSO, EVOCADOR DAS IMAGENS DE SALAZAR OU DAS IMAGENS DE
SANTOS. A SALA E O QUARTO SÃO UM SÓ.

Silvestre sentado na cama, acabado de acordar. Acende um
cigarro e olha o apartamento.

Silvestre a lavar os dentes. Olha para o seu reflexo no
espelho.

Silvestre na secretária, girando com a cadeira. Pára, olha
para a data de papeis espalhados na secretária. Abre depois
uma das gavetas e retira um caderno velho. A velhice nota-se
na ponta das páginas.

FLASHBACK

Silvestre, Luís e Carlos num café. Escrevem, fumam e lêem.

Três jovens escritores celebrando a as juventude. Risos. A
câmara é frenética nos seus movimentos. Rápidos cortes. Uma
tarde em segundos. Essa tarde representa muitas. Um passado
de alegrias intelectuais.

EXT. CASA DE LUIS - MEIO/FIM DE TARDE

Carlos e Mariana saem do carro. A casa fica num local distante de cidades, rodeada de verdes (um pequeno bosque).

Casa grande, que até então era de férias. Pertence à família de Luís. Há um pequeno alpendre com um banco de madeira negra.

MARIANA
(olhando para a casa)
É bonita. O sitio também.

CARLOS
(sorri e olha para Mariana)
É, não é?

MARIANA
Disseste que era do Luís?

CARLOS
Dos pais. Acho que lha deram. Já ninguém a usava.

Carlos aproxima-se da porta, batendo de leve

CARLOS (CONT'D)
ó da casa!

A PORTA ABRE-SE DEPOIS DE ALGUNS SEGUNDOS. A CÂMARA EXPLORA OS ESPAÇOS VERDES DURANTE A ESPERA, EM ÂNGULOS ESTÁTICOS. LUÍS APARECE.

LUÍS
Carlos!

Abraçam-se fraternalmente. Alguns risos.

LUÍS (CONT'D)
Caramba rapaz. Há anos!

CARLOS
Décadas!

Ri-se

LUÍS
E Mariana, claro! Adorável como sempre!

Mariana ri-se

MARIANA

Olá!

Mariana aproxima-se de Luís enquanto Carlos fala com ele.

Luís beija-a duas vezes nas faces antes de a abraçar.

LUÍS

Vocês é que não mudam, hein! Aliás, parecem mais novos. Mas entrem caramba! Que a minha alegria não me impeça de ser um anfitrião decente!

ENTRAM. VEMOS O CABIDE, QUE RECEBE OS CASACOS.

LUÍS

Ana, vê quem chegou!

Os convidados exploram o hall, com o olhar e com passos tímidos. Os de Mariana mais tímidos que os de Carlos.

LUÍS (CONT'D)

(quase interrompendo a
fala anterior)

Ah! Tenho que inquirir: Carlos, ainda corre nessas veias o sangue patriótico de outrora?

CARLOS

Mais do que nunca!

LUÍS

Então não tens problemas com um velho cozido à portuguesa, certo? Se bem que agora de pouco de vale a recusa, visto que a coisa já vai a meio da cozedura.

CARLOS

Ora essa. Longe de mim recusar esse pedaço de céu gastronómico! Duvido apenas das tuas capacidades de cozinheiro!

LUÍS

E fazes bem. Se fosse eu a fazê-lo não sobreviveríamos a noite! Felizmente é a Ana que cozinha. Mas eu ajudo!

ANA (O.S)

Who goes there?

LUÍS
Por falar em Afrodite...

ANA ENTRA NO HALL VINDA DA COZINHA. VEM DESPINDO O AVENTAL, MAS DURANTE UM BREVE SEGUNDO A APARIÇÃO DA SUA FIGURA DE AVENTAL TRAZ CONSIGO UMA AURA MATERNAL. DESPIDA APEÇA VESTUÁRIA ESSA AURA TRANSFORMAR-SE NUMA DE DIVINDADE.

CARLOS
Ana!

Abre os braços, que recebem Ana.

CARLOS (CONT'D)
Estás fantástica! Estes ares puros fizeram-vos maravilhas, estou a ver!

ANA
Oh, estas simpatias...

Mariana oferece-lhe um olhar brincalhão.

MARIANA
Ana...

Ana abraça-a de imediato e com força.

LUÍS E CARLOS EM CLOSE-UP, LADO A LADO.

LUÍS
Bem, se eu soubesse que as saudades estavam deste modo tinha marcado esta reunião mais cedo!

OS QUATRO. RISOS LEVES. LUÍS OLHA EM REDOR.

LUÍS
Bem... ah! Vou ver dos vinhos! E do cozido! Eu sei que a coisa demora nos lumes mas adoro estar em redor daquela cerimónia toda. Vocês podem vir dar uma mãozinha ou quatro, enquanto metemos o raio da conversa em dia. É que as saudades pesam num homem, caramba!

CARLOS
Seja!

LUÍS

Ah, e se virem o gato, e se ele não fugir, que ele não é dos de fugir mas nunca se sabe, dêem-lhe um olá. Com sorte ele simpatiza com vossas excelências!

CARLOS

Ele não me conhece? Ainda é o mesmo, certo?

LUÍS

Não, esse que conhecestes é o Dumas. Está com os meus pais. Este arranjàmos há coisa de um ano.

CARLOS

Arranjar?

(olha para Ana)

Tu não eras contra a compra e venda de animais?

ANA

E sou! Este veio de um homem que vive aqui perto e que teve uma data deles, e perguntou-nos se queríamos um.

IMAGEM DO SENHOR ARTUR SENTADO NUM CADEIRÃO A OLHAR PARA A CÂMARA, COM UMA DATA DE GATOS JUNTO DELE.

CARLOS

Muito bem.

CARLOS E MARIANA COMEÇAM A SAIR DO HALL EM DIRECÇÃO À COZINHA, MAS CARLOS PÁRA.

CARLOS

Como é que se chama?

LUÍS

Quem?

CARLOS

O gato! Quem...

LUÍS

Oh Carlos, que nome é que achas que eu daria a um gato?

CARLOS

Bonifácio?

LUÍS
Bonifácio!

CARLOS
Já é reverendo?

LUÍS
Não, não. Demasiado novo e magro
para isso. Por enquanto ainda não
tem título clerical.

CLOSE-UP DE MARIANA.

MARIANA
Vocês são incorrigíveis!

RI-SE. ANA NUM PLANO MÉDIO-CURTO. RI-SE TAMBÉM.

Luís olha-as com um olhar sério.

LUÍS
É necessário honrar o mestre!

ANA
Quantos mestres é que vocês têm?

LUÍS
Quantos forem precisos!

CARLOS CONCORDA VEEMENTE COM A CABEÇA E APONTA PARA LUÍS.

FADE OUT

EXT. CASA DE LUÍS - FIM DE TARDE

Silvestre chega num carro velho. Sai do carro. A porta fecha-se num carro diferente, anos antes.

FLASHBACK

Silvestre, Luís e Carlos saem desse carro diferente. Luís sai do lugar do condutor.

SILVESTRE
Então esta é que é a tua vila
Balzac?

LUÍS
Ainda não. Só depois do curso.

CARLOS
Ah, ser rico!

A PORTA DA CASA ABRE-SE. O PAI DE LUÍS, ALEXANDRE (CABELOS GRISALHOS, ALGUMA BARBA. MAGRO MAS BEM ALIMENTADO), OLHA OS RECÉM CHEGADOS COM UM SORRISO.

ALEXANDRE
Foi difícil?

LUÍS
Nem por isso. Assim que saí da auto-estrada lembrei-me do caminho.

ALEXANDRE
Ainda bem. Estes são os teus amigos?

ABRE OS BRAÇOS

ALEXANDRE
Os escritores!

OS ESCRITORES SORRIEM, AINDA JUNTO DO CARRO, E OLHANDO PARA ALEXANDRE (A CÂMARA)

FIM DE FLASHBACK

EXT. CASA DE LUÍS - FIM DE TARDE

REGRESSO AO PRESENTE. O MESMO ÂNGULO DE CÂMARA.

Silvestre olha para a casa. A pouca luz exterior contrasta com a luz interior, que lhe ilumina a cara e a dianteira do carro.

SILVESTRE JUNTO DA PORTA DE CASA. BATE À PORTA. LUÍS RECEBE-O FORA DO PLANO. A LUZ BANHA SILVESTRE, DE PERFIL, QUE SORRI.

SILVESTRE
Como está vossa excelência?

Abraçam-se.

VEMOS O ABRAÇO DE LONGE, DE ONDE ESTÁ O CARRO DE SILVESTRE.

INT. CASA DE LUÍS - FINAL DE TARDE

Silvestre arruma o sobretudo que trazia vestido.

LUÍS
 Não será demasiada pelugem para maio?

SILVESTRE
 Até Julho todos os meses são traiçoeiros nas suas temperaturas!

Luís sorri.

LUÍS
 Como tens andado rapaz? Não te via desde o Porto, caramba! Uma mensagem aqui e ali, coisas tímidas...

SILVESTRE
 Enfim, o regime quotidiano pelo qual me tenho regido exige a maior das solidões, ou assim o penso...

LUÍS
 Regime de escritor?

SILVESTRE
 Pseudo-escritor, sim.

Riem-se os dois.

SILVESTRE (CONT'D)
 (olhando em redor)
 Tu é que sim senhor! Casa herdada, vida de casado. Carne nos ossos, barba feita... Estás divino homem! A Ana trata-te demasiado bem!

LUÍS
 Haha! Trata, de facto.

SILVESTRE
 Tu andas a fazer o quê da vida? Vejo fotografias tuas junto das criaturas lá do Porto, da faculdade e sítios que tais...

LUÍS
 Sim, acabado o doutoramento fiquei por lá.

SILVESTRE
 Bah! Academismos!

LUÍS
Tu tens é inveja!

SILVESTRE
Evidentemente! Pudesse eu percorrer eternamente aqueles corredores! Mas enfim.

Olha em redor como se se lembrasse de algo.

SILVESTRE (CONT'D)
E os outros? Andam por aqui?

LUÍS
Na sala. A Ana está na cozinha. queres que a chame?

SILVESTRE
Não, não. Eu passo lá depois de abandonar um olá aos degenerados.

O GATO ENTRA NO HALL MIANDO

SILVESTRE
Gato?
(olha para Luís)
És homem de gatos?

LUÍS
Sempre fui. Não te lembras do Dumas?

SILVESTRE
Ah, o Dumas! Morreu?

LUÍS
(sorrindo e abanando a cabeça em amistosa reprovação)
Ainda não.

SILVESTRE
(olhando para o gato)
E este chama-se como?
(olha para Luís)
É que se não chamar Bonifácio zango-me!

Luís ri-se. Um sorriso que traz consigo a conversa anterior com Carlos e Mariana.

LUÍS
Claro que se chama Bonifácio.

SILVESTRE
Já é reverendo?

LUÍS
Demasiado novo.

ANA (O.S)
E demasiado magro.

ANA, SEM O AVENTAL, OLHA AMBOS COM O SORRISO AFÁVEL.

SILVESTRE
Ana! Caramba tu estás divinal.
(olha para Luís)
És demasiado sortudo homem.

LUÍS
É incrível: dizes sempre isso em
relação à Ana.

Ana e Silvestre beijam-se nas faces.

LUÍS (CONT'D)
Que nem um disco riscado!

SILVESTRE
A verdade requer a sua repetição!
Direi o mesmo quando vossas
excelências se casarem.

LUÍS
Quer dizer, agora já é quase
obrigatório, não é?

ANA
O casamento ou a repetição da
verdade?

SILVESTRE
Ambos, obviamente!

Ana pega em Bonifácio, que se ia esfregando às suas pernas.

ANA
Já se conhecem, portanto?

SILVESTRE
Já. E ainda bem que tem o nome que
tem!

SILVESTRE (CONT'D)

É indispensável carregar a memória dos antigos de todos os modos possíveis. É que senão o país afunda! Sabem que já se vem afundando?

SILVESTRE (CONT'D)

As pessoas esquecem-se dos mestres e a identidade da nação perde-se nesse nevoeiro!

LUÍS

(interrompendo Silvestre)
O país vem-se afundando desde sempre, ó homem!

SILVESTRE

Mas agora afunda mais! E mais rápido! E mais fundo! Digo-vos: tenho andado com umas febres nacionalistas que vocês não imaginam. Isto desde que estive - e vocês vejam-me isto - com familiares na Páscoa e que um primo meu que foi para Letras em Lisboa, Letras!, me disse que nunca tinha lido o mestre Ferreira, O Vergílio, claro está. Nunca! Quer dizer, eu sei que por obrigação mesmo os clássicos tiram o apetite, mas caramba, não é? Bem, nem sei que vos diga...

LUÍS

(escondendo uma gargalhada)
O que já disseste?

Silvestre faz uma pequena pausa. Depois aponta o dedo a Luís.

SILVESTRE

E foi pouco! Podia ficar a noite toda berrando obscenidades a estes hereges. Mas vá...

De novo uma pequena pausa.

A PORTA DA SALA. A TELEVISÃO VEM PENETRANDO SONORAMENTE O HALL. SILVESTRE REPARA NISSO E DÁ UM PEQUENO SALTO.

SILVESTRE
Vocês prenderam-me aqui em
conversas e ainda não dei um olá
àquelas criaturas.

LUÍS
Vai. Mata as saudades.

SILVESTRE
Eu mato.

Silvestre faz uma pequena vénia a ambos (um pouco mais aguda para Ana) e começa a sair do hall.

ANA
Não mudou nada

LUÍS
Aparentemente, mas a vida que ele
diz que leva não pode ser boa...

SILVESTRE (O.S.)
Cessem as penetrações seus
malandros!

FLASHBACK - INT. QUARTO DE ANA NO TEMPO DA FACULDADE - NOITE ANA E MARIANA, AMBAS VESTIDAS À ANOS 80. ANA ESTÁ SENTADA NO

PARAPEITO DA JANELA COM VISTA PARA O DOURO. FUMA.

Sons de Mariana a entrar no quarto.

MARIANA (O.S.)
Pronta?

ANA
(Sem olhar para Mariana.
Um joelho junto ao peito,
a outra perna estendida.
A mão que fuma apoiada no
joelho flectido)
Espera um bocado.

MARIANA ENCOSTADA JUNTO À PAREDE, PRÓXIMA DA PORTA DO QUARTO.
ANA OLHA-A E SORRI.

ANA
Sabes que já passei uma noite
inteira, ou quase, a olhar para o
rio?

Mariana aparece de fora do plano para se colocar junto de
Ana. Pede-lhe o cigarro com um gesto da mão.

ANA (CONT'D)
E nem... sei, lá, nem reparei no
tempo. Só quando vi que o sol
estava a nascer é que percebi. Uma
noite inteira. Até pensei,

ANA (CONT'D)
(ri-se suavemente, como se
o riso fosse só para ela
e tivesse saído por
acidente)
até pensei que estava num filme.

MARIANA
(a olhar também o rio)
Por alguma razão especial?

ANA
Não sei, não me lembro bem do que
pensei. Mas lembro-me que foi na
altura em que conheci o Luís. Devo
ter imaginado coisas, sei lá,
futuros e assim...

AMBAS SORRIEM. MARIANA DEVOLVE O CIGARRO A ANA.

ANA
Mas foi também como se o tempo
naquela noite fosse exterior a
horas, minutos. Percebes? Como se
fosse ainda mais abstracto.

Com a mão que segura o cigarro faz um movimento (quase
imperceptível) em jeito de onda.

ANA (CONT'D)
Não sei explicar melhor do que
isso. Pelo menos não agora, com
estas palavras. Foi... e sei que
isto vai soar lamechas, mas foi
sinceramente bonito.

MARIANA

(sorri)

Nada é lamechas se for honesto. Os clichés só o são verdadeiramente quando ditos na falsidade.

Ana agarra levemente a mão de Mariana mais próxima de si e encosta a cabeça à parede, fechando os olhos.

CLOSE-UP DE ANA, QUE SORRI, AINDA DE OLHOS FECHADOS.

ANA

Vamos à má vida!

PLANO DE ANA E MARIANA JUNTO À JANELA. ELAS SAEM DA IMAGEM MAS O PLANO PERSISTE. A LUZ APAGA-SE. SOM DA PORTA A FECHAR-SE. UM LENTO ZOOM NA DIRECÇÃO DA JANELA. O DOURO E AS LUZES DE GAIA. TODO O BARULHO QUE SE PUDERA OUVIR ATÉ ENTÃO (CARROS, VOZES TALVEZ) VAI DESAPARECENDO GRADUALMENTE AO LONGO DO ZOOM. O SILÊNCIO IMPÕE-SE NO FINAL DO ZOOM. O SOM DE ONDAS APARECE, TÍMIDO.

FADE OUT

INT. SALA DE ESTAR DE LUÍS.

MARIANA, CARLOS E SILVESTRE SENTADOS NO SOFÁ. OS SONS DE FUNDO (VOZES, BARULHOS DA COZINHA, SONS DA TELEVISÃO (NOTICIÁRIO? FILME?)) MARIANA DESCANSA A CABEÇA NO OMBRO DE CARLOS. SILVESTRE, DE OLHOS FECHADOS, RECOSTA A CABEÇA NA PARTE SUPERIOR DAS COSTAS DO SOFÁ. OLHARIA, SE TIVESSE OS OLHOS ABERTOS, PARA O TECTO.

CARLOS

(sem olhar para Silvestre)

Tens escrito alguma coisa?

SILVESTRE

(olhos ainda fechados)

Pouco

CARLOS

Mas bom?

Silvestre responde com um gesto da mão esquerda, indicando rascunhos medíocres.

CARLOS (CONT'D)

Isso é mais ou menos bom ou mais ou menos mau? É que o teu livro foi decente.

Mariana parece despertar, erguendo a cabeça (que retornará ao local anterior depois de falar)

MARIANA

Pois é, parabéns pelo prémio!

SILVESTRE

Danke.

CARLOS

Quanto é que foi?

SILVESTRE

Três mil.

CARLOS

Nada mau.

SILVESTRE

Não, nada mau.

Pausa. Segundos de silêncio dialogal (ainda os sons da televisão).

VEMOS IMAGENS QUE SE DEMORAM: IMAGENS DA CASA DE LUÍS. OS PÉS DOS TRÊS AMIGOS. AS CABEÇAS, COM A DE SILVESTRE EM PRIMEIRO PLANO. AINDA NESTE PLANO:

SILVESTRE

Francamente, desde que ganhei essa coisa que me vejo incapaz de escrever mais do que um par de páginas seguidas. Projectos soltos.

CARLOS

Isso é normal, acho eu. A expectativa de criar algo que responda ao primeiro texto deve ser terrível.

SILVESTRE

(abre os olhos)

E tu? Ainda te aventuras?

Mariana ri-se.

CARLOS

Aí tens a tua resposta.

Silvestre sorri. Um sorriso complexo?

SILVESTRE

Este pós-academia é terrível, não é? Como se nos tivessem dito "você vão ser uma coisa que sim senhor!" Mas agora essa voz cala-se. Ou pior, diz somente "afinal não..."

CARLOS

Sim. É incrível. Passamos dezoito anos a ouvir frases de incentivo, "segue os teus sonhos!" e coisas assim, mas ninguém tem coragem para nos dizer que depois da educação vem a verdadeira vida, e que essa vida é completamente diferente da que abandonamos.

CARLOS (CONT'D)

Como se fosse pecado ensinar as pessoas a serem pessoas úteis no "depois".

Ri-se

CARLOS (CONT'D)

Ainda é cedo para nos juntar-mos nos cafés com o título de derrotados da vida?

SILVESTRE

(sorri também)

Sim, acho que ainda é cedo. Mais uns dez anos de falhanço e ganhamos credibilidade para isso.

MARIANA

(erguendo definitivamente a cabeça)

Mas não é assim tão simples, pois não? Quer dizer, essa geração considerou-se derrotada a nível artístico, mas para lá da artes eles até se safavam. Tinham bons empregos e coisas assim. A nossa geração é diferente, não é? Acho que sim, pelo menos... Esse falhanço de que falas é um falhanço maior. É falhar tudo! O emprego, as expectativas sociais, as ambições artísticas. Tudo isso. Eles queriam erguer uma nova paisagem artística.

(MORE)

MARIANA (CONT'D)

E conseguiram, quer se tenham apercebido disso ou não. Mas nós queremos algo mais básico e no entanto mais difícil: nós queremos existir com dignidade.

CARLOS E SILVESTRE (VISTOS DE FRENTE) OLHAM-SE E TRANSPORTAM, LENTAMENTE, ESSE OLHAR PARA MARIANA, QUE FALA OLHANDO PARA A SUA FRENTE.

MARIANA

Mas é uma dignidade complexa. Quer dizer, não somos pobres, certo? Não verdadeiramente. Mas é uma dignidade que vemos nos nossos pais, que trabalharam uma vida inteira com um objectivo claro: criar uma vida confortável para os filhos.

MARIANA (CONT'D)

Os nossos pais tiveram um carro, ou vários, tiveram uma casa! Uma casa!

CLOSE-UP DE MARIANA QUE OLHA DIRECTAMENTE PARA A CÂMARA. NOS OLHOS HÁ UM MISTO DE RAIVA E TRISTEZA.

MARIANA

Quantos de nós é que vão ter uma casa? Quantos de nós é que vão poder, tal como os nosso pais, começar uma família? Quer dizer, nós vamos ter que achar tudo isso depois de anos de preparação inadequada, num mundo que é só metade do que nos diziam ser. Depois claro, que há o medo, a ansiedade, a raiva. E a gente que se desenrasque, não é?

O PLANO RECUA. MARIANA OLHA-OS FINALMENTE, E PARECE REGRESSAR AO ESTADO QUE DEIXOU NAS PRIMEIRAS PALAVRAS DO MONÓLOGO. VEMOS OS TRÊS DE FRENTE.

SILVESTRE

Nossa senhora...

CARLOS

(quase simultaneamente)
Fuck me...

Segundos de silêncio. Da televisão os sons de um jogo de futebol tornam-se nitidos.

CARLOS (CONT'D)
 (erguendo os braços
 energéticamente)
 Futebol!

MARIANA VOLTA A DESCANSAR A CABEÇA NO OMBRO DE CARLOS.

FADE OUT.

FLASHBACK - INT. RESIDÊNCIA. QUARTO DE SILVESTRE

SILVESTRE, LUÍS E CARLOS ESTÃO VIRADOS PARA A CÂMARA, LADO A LADO.

Os três vestidos à anos 70/80. Silvestre parece evocar os roxos de Prince. Luís veste calças à boca-de-sino e uma camisa branca estreita, aberta em v (abertura generosa, pelos do peito à mostra). Carlos veste roupa semelhante a Luís, mas em ganga.

SILVESTRE
 Sim senhor, ein?

CARLOS
 'Tamos bonitos, não 'tamos?

SILVESTRE
 Comia-me. Garanto-vos que me comia.

LUÍS
 Vossas excelências têm a certeza de que o resto das criaturas também vai enfardado?

SILVESTRE
 Ó homem, já te disse que sim. Se diz lá no cartaz que é uma festa com a temática e que se deve ir de acordo, claro que outros também irão assim.

CARLOS
 De qualquer modo há duas possibilidades: ou a maioria das pessoas vai vestida assim e não tens que te preocupar, ou somos os únicos a cumprir com o código, o que faz de nós participantes modelo, e os organizadores da coisa vão adorar-nos.

SILVESTRE

E portanto as nossas vestimentas
serão tema de conversa, o que é
sempre bom.

LUÍS

Mesmo que sejamos só nós os
cumpridores?

CARLOS

Precisamente!

LUÍS

Seja.

Luís olha em redor, como se procurasse algo.

LUÍS (CONT'D)

Tens por aí algum perfume?

SILVESTRE

Devo ter... Claro que tenho! Vê aí
no armário.

LUÍS

Qual?

SILVESTRE

Qua-... Armário só há um, não é?

LUÍS

Isto é mais um guarda roupa.

SILVESTRE

Ai ó nossa senhora...

CARLOS

Não são a mesma coisa?

LUÍS

Acho que não...

SILVESTRE

Mas tu hoje estás impossible!

LUÍS

(Enquanto abre o armário
que é mais um guarda-
roupa)

Também não são necessários
estrangeirismos...

SILVESTRE

Neste século vinte e um são sempre necessários estrangeirismos. Aldeia global, et cetera et cetera...

LUÍS

Certo.

Luís borrija um pouco do perfume. Carlos pede-lhe o objecto sem falar, esticando somente o braço. Também ele aplica um pouco da solução.

SILVESTRE

Chega-me aí o coiso.

Carlos chega-lhe o coiso.

SILVESTRE EM PLANO PRINCIPAL BORRIFA O PERFUME TRÊS VEZES.

LUÍS (O.S.)

Não exageres na dosagem, ó homem.

SILVESTRE

Três vezes é exagero?

CARLOS

Pode ser, dependendo do perfume.

SILVESTRE

E este perfume é desses de dosagem tímida?

LUÍS

É fortinho...

SILVESTRE

Ora essa, fortinho... A década de oitenta foi uma de exageros!

LUÍS

Todas as décadas foram de exageros, se olhares somente para a elite extravagante.

SILVESTRE

A de noventa não foi.

LUÍS

A déca... Tu já viste as roupas que aqueles seres usavam?

CARLOS

Já para não falar dos fatos.

SILVESTRE
Fatos não são roupas?

LUÍS
Mas é diferente.

SILVESTRE
Como é que é diferente?

CARLOS
É diferente.

SILVESTRE
Como? os fatos não se vestiam com o
objectivo de tapar as carnes? Tipo
roupa?

LUÍS
Sim, mas era roupa de trabalho, não
de dia a dia.

SILVESTRE
Não se trabalha todos os dias?

CARLOS
Depende. Os fins de semana podiam
ser livres

SILVESTRE
Mas que porra...

LUÍS
E não se vai a uma festa de fato.

CARLOS
Nem a um jantar de amigos.

LUÍS
Em Friends raramente os vias com
fatos.

CARLOS
Precisamente.

SILVESTRE
Bah, Friends. Mas isso é ficção!

LUÍS
E tu não estás vestido de acordo
com os estereótipos popularizados
na música e televisão.

SILVESTRE
O Prince não era ficcional!

CARLOS
Mas era singular na sua fashion!

Silêncio

SILVESTRE, EM PLANO CURTO, OLHA PARA LUÍS. DEPOIS PARA CARLOS. NOVAMENTE PARA LUÍS.

SILVESTRE
Por acaso têm razão.

CARLOS SORRI.

CARLOS
Estamos prontos?

Silvestre vira-se para a porta do quarto.

SILVESTRE
Onwards!

A PORTA DE FRENTE, DA PERSPECTIVA INTERIOR DO QUARTO.

Silvestre sai, num andar recto, como se marchasse. Luís permanece, olhando para o telemóvel

LUÍS
Tenho que ligar à Ana.

SILVESTRE (O.S.)
Ligas lá fora! Venham suas bestas!
(para uma outra pessoa)
Hélder, que tal as coisas? Bem? Que bom. Esse quisto já passou?

Carlos e Luís saem também. Carlos fecha a porta.

O ESCURO DO QUARTO SERVE DE FADE OUT.

INT. SALA DE JANTAR DE LUÍS. BREVE SEQUÊNCIA DE PLANOS QUE MOSTRAM A MESA POSTA. O DERRADEIRO PLANO APRESENTA A MESA EM PRIMEIRO PLANO E A PORTA DA COZINHA EM SEGUNDO.

O rumor das vozes dos cinco surge num rápido crescendo. A de Silvestre suplanta-se à dos outros, assim que ele entra na sala.

SILVESTRE
 Vinde camaradas, vinde, pois que me
 vejo desfalecendo de fome! Morro!
 Desapareço na minha magreza!

LUÍS
 (que aparece também,
 carregando uma
 significativa panela)

LUÍS (CONT'D)
 E no entanto não ajudas no
 transporte da comida?

SILVESTRE EM CLOSE-UP.

SILVESTRE
 (vira-se para Luís, uma
 careta de dor
 exageradamente dramática)
 Mas se não tenho forças!

Sorri e procura um lugar.

PLANO AMPLO.

Luís pousa a panela e aponta a Silvestre a cadeira
 correspondente. Os outros vão entrando. Risos, conversas
 indistintas. Carlos traz uma enorme colher ao ombro, como se
 carregasse uma picareta.

SILVESTRE
 (ainda sobre o lugar que
 lhe foi dado)
 Longe de todos, portanto?

LUÍS
 Haveria sempre um. Numero ímpar e
 tal...

SILVESTRE
 Hmm, numero ímpar. Estou a topar-te
 Luís Augusto.

CARLOS
 (que pousa a colher junto
 da panela, sentando-se
 depois)
 Ah, mas para ameaças tens forças...

SILVESTRE

As palavras requerem um estômago
próprio, e esse está farto!

ANA

(sentando-se também)
E que estômago é esse?

LUÍS

Qual é que achas?

Ana encolhe os ombros. Carlos faz o gesto de lhe dizer em segredo mas fala propositadamente alto.

CARLOS

Os rins!

LUÍS

Ou o fígado!

ANA

Mas se nós ainda não bebemos quase
nada... Já vens embriagado
Silvestre?

SILVESTRE

Quase sempre, sim.

MARIANA

(passando atrás de
Silvestre)

Claro que sim...

Silvestre olha-a, indignado.

SILVESTRE

Oh, nem sempre, claro, mas
bastantes vezes...

MARIANA

Demasiadas...

SILVESTRE

Mas não são todos os casos de
embriaguez casos de demasia?

LUÍS

(fazendo uma careta de
justificada confusão)
Que caralho é que isso quer dizer?

SILVESTRE

Não sei. Francamente, comecei a falar e percebi imediatamente que não ia fazer sentido nenhum, mas deixei-me ir, pelo sim pelo não.

CARLOS

Senta-te criatura!

SILVESTRE

Ai eu sento...

SILVESTRE SENTA-SE. A CÂMARA PASSA PELOS RESTANTES CONVIVAS, OU NUM SÓ PLANO OU EM CORTES BREVES. FOCA-SE DEPOIS NA PANELA E AÍ FICA, NUM PLANO SUPERIOR. A CONVERSA CONTINUA. UMA MÃO LEVANTA A TAMPA DA PANELA, UMA OUTRA PEGA NA COLHER O COMEÇA A TIRAR PARTES DO COZIDO.

CARLOS(O.S.)

Estão aqui as carnes?

LUÍS(O.S.)

Algumas. As mais vermelhas estão na travessa que... onde é que está?

ANA (O.S)

Ficou na cozinha?

LUÍS(O.S.)

Quem é que-

MARIANA (O.S.)

Eu posso ir.

LUÍS(O.S.)

Não, não, eu vou. Sirvam-se.

CARLOS(O.S.)

É que são imperativas as carnes!

LUÍS(O.S.)

(a voz já noutra divisão)
Eu sei, eu sei. Calma...

CARLOS(O.S.)

Tens a morcela? Eu não vi a morcela.

MARIANA (O.S.)

Tu nem gostas de morcela!

CARLOS(O.S.)

Também não gosto de ir a igrejas,
mas não quereria um Portugal sem
elas!

LUÍS(O.S.)

Aqui estão as carnes.

SILVESTRE(O.S.)

A chouriça é picante? É que não vou
com chouriça picante.

LUÍS(O.S.)

Acho que não

ANA (O.S)

Não é.

SILVESTRE(O.S.)

Magnifico!

ANA (O.S)

Também tens os legumes, lá no fun-

SILVESTRE(O.S.)

Não te chega já?

CARLOS(O.S.)

Calma, criatura, isto chega para
todos.

SILVESTRE(O.S.)

Mas isso já é muito. Tu não comes
isso tudo.

CARLOS(O.S.)

Mas és a minha mãe? Que sabes tu da
minha stamina intestinal?

SILVESTRE(O.S.)

Não em lembro de comeres tanto na
faculdade.

CARLOS(O.S.)

Mas a vida pós academia muda uma
pessoa, como é que sabes - toma lá,
vá - como é que sabes que agora
como o mesmo?

SILVESTRE(O.S.)

Não sei, mas deduzo. Isto cheira
bem que dói.

(MORE)

SILVESTRE(O.S.) (CONT'D)
 Quer dizer, uma pessoa não muda de
 capacidade digestiva assim nem mais
 nem menos em cinco anos.

CARLOS(O.S.)
 Vê lá, não te sirvas também em
 demasia-

SILVESTRE(O.S.)
 O arroz?

LUÍS(O.S.)
 Não o vês aí?

SILVESTRE(O.S.)
 Danke. E a chouriça...

ANA (O.S)
 Não queres frango?

SILVESTRE(O.S.)
 Não sou grande fã de carnes
 brancas.

ANA (O.S)
 Não gostas?

O PLANO MUDA. VEMOS AGORA QUEM FALA, A CÂMARA MOSTRANDO O
 INTERLOCUTOR SEMPRE QUE ESTE MUDA, NUM PLANO MÉDIO-CURTO.

SILVESTRE
 (sentando-se, passando a
 colher a Luís)
 Gosto, mas mais num nível de
 simpatia do que de amizade pura.

CARLOS
 Pode ter-se amizade a algo que se
 come?

SILVESTRE
 Eu disse-o em tom de piada.

CARLOS
 Sim, eu percebi, mas lembrei-me
 deste problema. Imagina que tinhas,
 sei lá, umas galinhas.

SILVESTRE
 Estou a imaginar.

CARLOS

E que sabias que eventualmente ias
fazer delas canja, ou frango
assado, ou-

ANA

Um cozido à portuguesa

CARLOS

Ou um cozido à portuguesa, sim.

LUÍS(O.S.)

Pronto. Serve-te Mariana.

CARLOS

Será que podias criar uma amizade
com essas galinhas? Ou seria apenas
uma relação pragmática?

SILVESTRE

Acho que a relação seria no máximo,
afecto - o que é natural - mas
nunca de amizade. Quer dizer, a
amizade requer que ambas as partes
reconheçam isso voluntariamente.
Mesmo que fosse com um cão ou com o
Bonifácio ali nunca seria uma
amizade.

CARLOS

Queres dizer que a amizade é
verbal?

SILVESTRE

Acima de tudo, sim.

LUÍS

Isso é absurdo. Estás a falar de um
contracto verbal, não de amizade.

LUÍS (CONT'D)

A amizade é natural, espontânea.
Não se diz uma amizade: sente-se.
É!

SILVESTRE

Sim, mas quer dizer, com uma pessoa
essa relação espontânea tem um
nome: amizade. Se alguém te
perguntasse se eras amigo de x e tu
dissesesses que sim, esse alguém
poderia perguntar o mesmo a x. e aí

SILVESTRE (CONT'D)

se percebia a amizade, pois as duas partes o reconheciam. Mesmo que tu suponhas uma amizade entre ti e o Bonifácio, nunca ninguém poderia perguntar ao Bonifácio se era teu amigo. É deste modo que percebo a amizade. Pode existir sem um rótulo, claro, mas só com esse rótulo é que se passa de algo subjectivo, e puramente especulativo, para algo objectivo e concreto.

LUÍS

Aceito a lógica.

Ana acaba de se servir e sem se sentar abre os braços.

ANA

Já estão todos servidos? Bom, ent-

SILVESTRE

(interrompe-a, levantando-se)

Se calhar tirava um pouco mais de chouriça...

ANA

Senta-te!

SILVESTRE

(sentando-se)

Eu sento, eu sento.

ANA

Bom, então sirvam-se do Porto para fazermos um brinde. Que tal?

SILVESTRE

Agora tem que ser, não é?

MARIANA

Por amor de Deus Silvestre, cale-se!

Silvestre levanta as mãos em jeito de derrota. Ri-se.

Mariana ri-se também.

Servem-se.

CLOSE-UP DAS GARRAFAS A ENCHEREM OS COPOS. DE VOLTA AOS INTERLOCUTORES.

CARLOS
Ah, as saudades de fazer isto na
Invicta...

SILVESTRE
Exactamente!

Servidos, os cinco levantam-se. Um breve silêncio.

LUÍS
Hmmm, brindamos a quê?

Olham-se, indecisos. Olham também em redor, para a mesa, para o tecto.

A CÂMARA VIAJA ENTRE OS INDIVÍDUOS.

CARLOS
Que tal ao- não...

MARIANA
Ah!... Não...

SILVESTRE
Mas é obvi- também não, nem
pensar...

CLOSE-UP DE ANA, QUE SORRI. UM SORRISO COMPLEXO. LAMENTO?
NOSTALGIA?

ANA
Ao passado...

A CÂMARA MOSTRA SILVESTRE.

ANA
Ao presente...

MARIANA E CARLOS.

ANA
Ao futuro...

ANA E LUÍS, QUE A OLHA SORRINDO.

ANA
E claro, a nós!

A MESA E OS CINCO. BRINDAM. BEBEM. FALAM, MAS AS VOZES VÃO SUMINDO.

FADE OUT.

FLASHBACK - EXT. RUAS DO PORTO. NOITE

Carlos, Luís e Silvestre nas ruas do Porto. Noite jovem (pós-jantar).

OS TRÊS LADO A LADO, VISTOS DE FRENTE. ANDAM. O ÂNGULO MUDA: VEMO-LOS AGORA DE COSTAS. OS SONS DA RUA: CARROS, OUTRAS PESSOAS QUE FALAM FORA DA IMAGEM. AS VOZES DOS TRÊS, NO ENTANTO, SÃO CLARAMENTE EXTERIORES A ESTE PLANO. MANTÊM A QUALIDADE DE GRAVADAS POSTERIORMENTE.

CARLOS
Meus caros, está um calor do caraças.

SILVESTRE
E já passa das dez! Por um lado é bom, claro, a noite é sempre bonita no calor, mas por outro lado...

LUÍS
É estranho, não é?

CARLOS
E o vento ausente não ajuda.

SILVESTRE
Onde é que elas andam?

LUÍS
Piolho.

SILVESTRE
Já?

LUÍS
Foram ter com aqueles animais da associação de estudantes.

SILVESTRE
Isso não será porventura uma
designação demasiado agressiva?

CARLOS
Nah, eles merecem.

Riem-se.

UMA BREVE MONTAGEM DE IMAGENS DA NOITE NO PORTO. BREVE
PASSAGEM DO TEMPO. AINDA NESTA SEQUÊNCIA DE IMAGENS.

SILVESTRE
Esperem aí. Vamos por aqui, às
Virtudes.

LUÍS
Porquê?

SILVESTRE
Está lá o Bernardo.

CARLOS
Ele também vai?

SILVESTRE
Sei lá.

O RIO. AS LUZES DO PORTO. VOLTAMOS A VER OS TRÊS, NOVAMENTE
POR TRÁS.

Aproximam-se de uma esplanada quase vazia. Distingue-se uma
silhueta, depois uma voz.

BERNARDO
Quem se aproxima? Quem vem desses
lados?

SILVESTRE
E quem ousa inquirir quem somos, ou
os nossos motivos?

Bernardo levanta-se e aproxima-se da câmara.

BERNARDO
Ah, mas se não são as bestas de
letras! E que vestes trazeis
equipadas!

SILVESTRE
Insultos?!

Silvestre adianta-se a Carlos e Luís, apontando o dedo a Bernardo.

A CÂMARA MOSTRA-OS DE PERFIL, COMO SE SE PREPARASSEM PARA UM DUELO.

BERNARDO

Até à morte, portanto.

SILVESTRE

Ficaria desapontado se não fosse esse o desfecho.

CLOSE-UP DE LUÍS.

LUÍS

Mas é que isto é parvo que dói,
foda-se.

Os quatro riem-se. Uma gargalhada honesta.

Silvestre e Bernardo cumprimentam-se. Bernardo olha Silvestre e os dois que estão fora do plano.

BERNARDO

Que tal um fino. Vai?

OS TRÊS EM UNÍSSONO

Vai um fino!

FIM DE FLASHBACK, COM UM CORTE RÁPIDO.

INT. SALA DE JANTAR DE LUÍS.

IMAGENS DOS PRATOS. OS TALHERES CORTAM AS CARNES, AS BATATAS, LEVAM A COMIDA ÀS BOCAS QUE NÃO VEMOS.

Carlos acaba de mastigar algo e faz um gesto que precede à palavra.

A CÂMARA SEGUE QUEM FALA.

CARLOS

Caramba, eu adoro isto.

ANA

Eu também gosto de me reunir com velhos amigos!

CARLOS

Não, estava a falar da comida...

Silvestre sorri. Luís também. A mão de Ana surge no plano para lhe dar uma palmada no ombro.

LUÍS

Teve piada!

CARLOS

(acabando de rir)

Claro que gosto de estar aqui con usted! E talvez por isso... Não! De certeza que é isso que torna a comida tanto mais deliciosa!

ANA

Hmmm, claro que sim...

CARLOS

Falo verdadeiramente.

ANA

E até que ponto é que o teu paladar não obedece ao teu patriotismo?

(para Mariana)

Ele gosta mesmo disto ou é o nacionalismo a falar?

MARIANA

É mais o segundo.

Mariana ri-se.

CARLOS

Vamos lá ver: não é mais o segundo, é também o segundo! Que o nacionalismo influencia o gosto das pessoas não há duvida. Por exemplo, muitos portugueses, mesmo que não apreciem o Fado ou a guitarra portuguesa gostam de Verdes Anos. Mas esse gostar não existe somente pelo patriotismo, mas também porque é uma música divinal. Tal como esta maravilha.

(ergue o prato)

Aliás, duvido muito que o nacionalismo tenha papilas gustativas. Gosto porque é bom!

SILVESTRE

Ora mais nada!

MARIANA

Mas tu és igual. Claro que concordas com este tolo.

Silvestre mostra uma face de amistoso choque.

SILVESTRE

Estás a dizer que a comida não está boa?

CARLOS

Já fostes.

Mariana sorri.

MARIANA

Claro que não.

LUÍS

Mas a Mariana e a Ana têm uma certa razão.

LUÍS (CONT'D)

Vocês os dois elogiariam a gastronomia portuguesa mesmo que a coisa estivesse terrível!

CARLOS

Mas nesse caso estaríamos a elogiar a gastronomia em geral e não o pedaço de comida à nossa frente.

SILVESTRE

Precisamente.

MARIANA

Mas já toda a gente sabe que a comida portuguesa é divinal. Vocês estariam a repetir algo sem qualquer necessidade de repetição.

ANA

Não estariam a fazer nada de novo, portanto.

(olha para Luís)

Tu também, com a literatura. Quer dizer, tem piada, claro, mas não sei até que ponto é que não é só pelo humor.

LUÍS

Ah, isso fala com eles, eu só repito para ganhar crédito da street

Ri-se e leva uma garfada à boca.

SILVESTRE

É pelos dois motivos, Ana. Claro que tem piada andar de livro na mão a berrar pelas ruas que o Eça é mestre de todos nós. Mas caramba se não é também verdade. E sempre que o digo, mesmo que o diga para vos fazer rir, sinto em mim uma certa chama, um amor vá, uma paixão diga-se, por Portugal. As coisas não são só uma coisa. Não são só piada. Mesmo que sejam.

Bebe do seu copo.

SILVESTRE (CONT'D)

Já agora. Vocês partilham disto?

ANA

Do quê?

SILVESTRE

Da chama, caramba!

CARLOS

Jesus! Como é que nunca perguntei isso? Sim, vocês também partilham deste nosso patriotismo?

MARIANA

(olha para Ana e sorri)

Acho que sim. Quer dizer, passei anos sem vos espancar, portanto devo ter um pouco disso.

ANA

Acho que todos os portugueses são patrióticos por natureza. Todas as pessoas, de todos os países, aliás. Não?

SILVESTRE

Sim, mas o nosso patriotismo é, como a Mariana diz com demasiada regularidade, exagerado.

MARIANA

Então, se o considero exagerado é porque esse vosso amor à nação é maior do que o nosso, obviamente.

MARIANA (CONT'D)

Mas se a pergunta fosse sobre um nível mais básico de patriotismo, então a resposta é sim, eu partilho isso.

(olha para Ana)

ANA

Acho que o meu também é desse básico. Nunca andei de Eça debaixo do braço, como tu costumavas fazer,
(olhando para Luís)
Mas sempre achei isso bonito.

LUÍS

Muito agradecido.

ANA

De nada.
(faz uma ligeira vénia,
tanto quanto possível
enquanto sentada)

SILVESTRE

Está muito bom. Ainda bem que perguntei. Andava com esta dúvida na cabeça há anos. Mas era daquelas dúvidas que só surgem quando não há ninguém a quem as colocar. É uma coisa terrível, essa de lembrar-nos de coisas de cariz social só quando estamos sozinhos.

CARLOS

Não só coisas sociais. Quando nos lembramos que temos de fazer algo só quando não as podemos fazer, tipo: "tenho que fazer a barba" quando estou cama ou fora de casa.

ANA

Precisamente. Não esse exacto problema, claro, mas coisas semelhantes.

Silêncio, desses que surgem quando a conversa parece morrer.

OS CINCO. ALGUNS ACABAM DE COMER, OUTROS, JÁ TERMINADA A REFEIÇÃO, RECUAM UM POUCO NO SEU LUGAR. A CÂMARA FOCA-SE EM SILVESTRE, QUE PUXA DO SEU MAÇO DE TABACO.

SILVESTRE

Posso?

LUÍS
(respondendo
afirmativamente com um
gesto da cabeça)
Por quem sois.

ANA
Ainda fumas?

CARLOS
(sorrindo)
Evidentemente, pois se ele tirou um
maço do bolso...

Sorrisos. Silvestre ergue o maço.

SILVESTRE
Alguém é servido?

Carlos e Mariana servem-se.

LUÍS
É necessário um cinzeiro. Volto já.

Sai da sala. Os três acendem os respectivos cigarros,
Silvestre primeiro, Carlos e Mariana depois.

SILVESTRE
Sabem, acho que somos uma espécie
em vias de extinção.

ANA
Disparate. Ainda há bastantes
fumadores, especialmente em
Portugal.

CARLOS
Em vias de estar em vias de
extinção, portanto.

SILVESTRE
O que é bom, claro. Mas não posso
esconder uma certa tristeza. Fumar
é uma coisa bonita, de vez em
quando. E ver um numero crescente
de pessoas a olhar-me - perdão- a
olhar-nos em jeito de reprovação
magoa.

Luís regressa com o cinzeiro, que pousa junto dos três
fumadores.

ANA

E esse olhar faz-te pensar em abandonares o vicio, claro.

SILVESTRE

Claro, mas tenho um certo orgulho na coisa. Quer dizer, agora que tenho este vicio nas veias sinto-me obrigado a defendê-lo.

LUÍS

Mas certamente que todos os viciados pensam assim...

MARIANA

Não, não. Há viciados que odeiam o seu vicio, e que portanto se odeiam a si mesmos.

SILVESTRE

Tu és dessas pessoas?

MARIANA

Eu não estou viciada. Fumo só socialmente.

SILVESTRE

Socialm- Caramba Mariana, tu és das pessoas mais sociais que conheço! Essa desculpa não te serve!

MARIANA

Ah, mas fumar socialmente e fumar em todos os episódios sociais não são o mesmo. Eu só fumo em ocasiões sociais, mas certamente que não em todas.

CARLOS

É verdade.

SILVESTRE

Não sei se gosto dessa cisa de fumar só de vez em quando. Para mim os cigarros são objectos religiosos, Devo-lhes a minha devoção. E por devoção entenda-se o consumo diário. Quem só reza aos domingos não é cristão que se preze.

LUÍS

Mas rezar todos os dias ou rezar só aos domingos não partem do mesmo sentido de obrigatoriedade? Ou, usando uma palavra mais suave, fé?

SILVESTRE

Obviamente que não. Quem reza todos os dias fá-lo por prazer também, se não for mesmo por amor. A reza aos domingos acontece porque porque o individuo se sente obrigado a fazê-lo. Caso contrário ninguém rezava todos os dias, pois o sentido de obrigatoriedade construía no individuo uma sensação de desprezo, e a reza ia sumindo da vida quotidiana. De modos que...

(Silvestre segura o cigarro verticalmente, segurando-o com o dedo indicador e o polegar. Depois, levando-o aos ombros à cabeça e ao peito:)

SILVESTRE (CONT'D)

E nomine patris et filii et spiritus sancti.

Os quatro riem-se. Luís junta as mãos e faz uma pequena vénia. Carlos imita-o.

LUÍS E CARLOS

(simultaneamente)

Ámen.

A MESA E OS CINCO. A CONVERSA PARECE CONTINUAR MAS O SOM DESVANECE.

FADE OUT

INT. CASA DE LUIS - NOITE

VEMOS O EXTERIOR DA CASA, DE NOITE. JANELAS. O BOSQUE. LUZES AO FUNDO. ENTRAMOS NA CASA. O CORREDOR QUE LIGA A SALA DE JANTAR À CASA DE BANHO. A PORTA DA SALA NO FINAL DESSE CORREDOR, A PORTA DA CASA DE BANHO À DIREITA, EM PRIMEIRO PLANO.

CARLOS(O.S.)

Meus caros, vou à casa de banho.

LUÍS(O.S.)

Lembras-te de onde é?

CARLOS(O.S.)

Por este corredor?

LUÍS(O.S.)

Sim, segunda porta.

CARLOS(O.S.)

À esquerda?

LUÍS(O.S.)

Obviamente.

Carlos aparece vindo da sala de jantar. Olha para as coisas do corredor (quadros, fotografias) enquanto se dirige à casa de banho. Acende a luz. Hesita, olhando timidamente para a porta em segundo plano.

ESSA DIVISÃO (ESCRITÓRIO DE LUÍS) ATRAVÉS DO PEQUENO ESPAÇO ABERTO POR CARLOS. ESCURO, MAS É POSSÍVEL DISTINGUIR UMA SECRETÁRIA E VÁRIAS ESTANTES, RECHEADAS DE LIVROS. LIVROS TAMBÉM NA SECRETÁRIA. O PLANO ANTERIOR.

Carlos entra na casa de banho.

INT. SALA DE JANTAR DE LUÍS.

Luís levanta-se.

LUÍS

Que tal umas sobremesas?

SILVESTRE

Que espécies de delicias tens por lá?

LUÍS

Gelados, uma salada de fruta relativamente intacta. Cafés, também, mas isso é óbvio.

SILVESTRE
 (Em jeito de rei que dá ordens aos vassallos)
 Traga-me tudo!
 (sorri)
 espera. que tipo de gelado? Porções individuais ou...

ANA
 Individuais.

SILVESTRE
 Então por mim podem ser de facto os dois. Salada primeiro, gelado depois. Sobremesa da sobremesa. Demasiado luxo...

MARIANA
 (enquanto Silvestre continua a apontar o luxo do seu pedido)
 Para mim é só um café.

Luís anui e sai em direcção à cozinha.

ANA
 Espera, eu vou também. O Carlos deve querer um café. É muita coisa para ti.

LUÍS(O.S.)
 Duvidas das minhas qualidades de garçon?

ANA
 Imenso, sim.

Saem os dois rindo. Luís abraça Ana pelos ombros.

PLANO AMPLO. A MESA SUJA. OS RESTOS DA COMIDA NOS PRATOS.

COPOS QUASE VAZIOS. GARRAFAS, ESSAS VAZIAS DE FACTO.

Mariana e Silvestre olham-se.

AMBOS FRENTE A FRENTE, DE PERFIL.

Silvestre acende mais um cigarro. As mãos mexem-se inquietas, de objecto em objecto. Mariana, serena, permanece na mesma posição.

CLOSE UM DAS MÃOS DE SILVESTRE. VOLTAMOS DEPOIS AO PLANO DE AMBOS DURANTE ALGUNS SEGUNDOS. SILÊNCIO. FINALMENTE UM CLOSE UP DE SILVESTRE.

SILVESTRE
 Posso... Hmm, tenho que te dizer...
 Posso contar-te uma coisa? É,...
 não é nada de grave mas...

CLOSE UP DE MARIANA. A PARTIR DE AGORA O INTERLOCUTOR APARECE ISOLADO.

MARIANA
 Não me digas que mataste alguém.

SILVESTRE
 (sorri)
 Não, não. Se bem que agora que
 falas nisso...
 (ri-se quase
 silenciosamente)
 Ok. Vou contar-te isto. E é difícil
 contá-lo porque não sei como é que
 o vais receber. E ando a pensar
 nisto desde que o sonhei. Porque é
 um sonho que tive contigo.

CLOSE UP DE MARIANA. OLHAR INDECIFRÁVEL.

SILVESTRE
 Ok.
 (a mão que fuma coça a
 testa, nessa irritação
 que surge no
 constrangimento)
 Sonhei isto há uns dias. Foi quando
 o Luís me falou do jantar, nessa
 mesma noite. E, quer dizer, o sonho
 não é gráfico, ok? Não é desse tipo
 de sonhos. E acho que por isso
 mesmo é que o tenho que contar.

Silvestre olha-a indeciso, a hesitação no olhar.

SILVESTRE (CONT'D)
 (faz o gesto de se
 levantar)
 Esquece, isto é estúpido.

Silvestre chega a levantar-se mas Mariana agarra-lhe o braço.

CLOSE UP DA SUA MÃO EM REDOR DO ANTEBRAÇO DE SILVESTRE

(IMAGEM RÁPIDA, NÃO MAIS QUE UM SEGUNDO). DE REPENTE A MÃO DE MARIANA ESTÁ NUM OUTRO SITIO. UM OUTRO TEMPO, PASSADO?

REGRESSO AO PRESENTE.

MARIANA

Conta.

Silvestre senta-se. A mão de Mariana ainda no seu braço. Só depois de ele regressar à posição inicial é que ela o larga.

SILVESTRE

(depois de alguns segundos
de silêncio, e de fumar
demoradamente o cigarro)

Estávamos numa sala escura. Não totalmente, mas o suficiente para que eu me lembre da escuridão. Estávamos sentados em dois cadeirões a ver televisão, e na televisão estava um homem a voar. Lembro-me desse voar ser estranhíssimo, uma mistura de ficção científica e fantasia.

SILVESTRE (CONT'D)

Estavam mais pessoas nessa sala mas nem quando o sonhei nem agora sou capaz de lhes distinguir as caras, como se as cabeças fossem blocos de mármore. E por alguma razão essas pessoas não reparavam em nós. Quer dizer, eu senti no sonho que não reparavam em nós, como se não soubessem sequer que estávamos lá. E então tu pegaste na minha mão, e eu olhei para ti e para as nossas mãos unidas. E não me lembro se te disse alguma coisa, mas devo ter dito, porque tu levantaste-te e vieste para junto de mim, e ficaste de joelhos à minha frente. E olhaste para mim com o olhar mais poderoso que me lembro de alguma vez ter visto.

SILVESTRE (CONT'D)

Porque foi simultaneamente um olhar violentíssimo e um olhar de desejo e um olhar de amor.

(MORE)

SILVESTRE (CONT'D)

E era violento porque sabias que era um olhar poderoso, e sabias que eu ia fraquejar ao vê-lo. E ficaste a olhar-me assim durante alguns segundos, se é que foram segundos, porque é difícil medir o tempo nos sonhos...

SILVESTRE (CONT'D)

E então eu beijei-te os dedos, porque ainda tínhamos as mãos dadas e eu senti que os tinha que beijar, como se fossa algo mais do que eu.

ESSE OLHAR DE MARIANA APARECE NUM CLOSE UP. OLHAR QUE ENCHE O ECRÃ. OLHAR BREVE MAS PODEROSO. UM OLHAR QUE TRANSFORMA O ESPECTADOR NO SILVESTRE DESSE SONHO.

SILVESTRE

E de repente, ao beijar-te os dedos, já não estávamos na sala escura e tu já não estavas aos meus pés, porque tinhas desaparecido. Eu estava num sitio que tinha paredes ao longe, e um tecto muito alto, mais alto que qualquer tecto devia ser. Mas apesar de ser um sitio fechado tinha lá dentro casas e prédios.

SILVESTRE (CONT'D)

Se bem que não eram edifícios definíveis na sua altura. E havia em redor desses edifícios, como se fossem heras, escadas com corrimãos coloridos. E eu procurei-te, e encontrei-te junto a uma porta que dava para a tua casa, e não sei porquê, mas sabia que era a tua casa. E essa tua casa era perpendicular a uma enorme parede com escadas verticais, também elas com corrimãos coloridos. Estes eram vermelhos. E nós olhámo-nos mas não demos as mãos. E tu sorriste. E depois alguém entrou na tua casa, e eu pensei que devia ser alguém que vivia contigo, porque eu também sabia que tu vivias com mais pessoas. E tu sorriste outra vez e disseste que eu devia ligar-te mais tarde, à meia noite.

(MORE)

SILVESTRE (CONT'D)
Lembro-me desse exacto detalhe. E eu sorri também.

SILVESTRE (CONT'D)
E virei-me para a parede com as escadas grandes e comecei a subir uma delas. Olhei para trás e tu ainda estavas lá e ainda estavas a sorrir. E foi esse o sonho.

Silêncio que dura alguns segundos. Olham-se. Silvestre desvia o olhar, para o abandonar nas suas mãos, e no que elas tocam, perdidas. Procura mais um cigarro, mas desiste e atira o maço para longe de si.

SILVESTRE (CONT'D)
(interrompendo o silêncio e Mariana, que fazia intenção de falar)
Não tens que responder.
Francamente, temia dizer-te isto precisamente pelo silêncio que inevitavelmente surgiria. Mas não tens que dizer nada, se não quiseres.

MARIANA
Hmm.

SILVESTRE
Hmmm.

MARIANA
Ok. Não é por causa do que disseste, mas vou à casa de banho.
(pega no seu copo vazio e olha-o)
Isto está a começar a pesar na bexiga.

Sorri. Silvestre também.

SILVESTRE
Vai. Não te quero prender aqui.

PLANO AMPLO. MARIANA LEVANTA-SE E COMEÇA A SAIR DA SALA.

ANTES DE PASSAR A PORTA PARA O CORREDOR OLHA PARA SILVESTRE.

SORRI. SAI FINALMENTE. ANA APARECE JUNTO À PORTA QUE LIGA A COZINHA À SALA DE JANTAR.

Luís passa por ela sem a olhar, e sem olhar também para Silvestre, que finalmente se decidiu a fumar mais um cigarro.

LUÍS
Vou à casa de banho.

ANA
Ok.

Luís atravessa a sala.

ANA (CONT'D)
A Mariana?

SILVESTRE
Também foi à casa de banho.

ANA
Hmm.

SILVESTRE
De facto. O vinho parece atingir a
uma hora determinada.

CLOSE UP DE ANA.

ANA
Eu ouvi o que lhe contaste.

CLOSE UP DE SILVESTRE.

SILVESTRE
Tudo?

ANA
O suficiente, acho eu.

SILVESTRE
Não sei se o devia ter dito. Mas,
caramba, era daquelas coisas que
tem que sair. Se não...

ANA
Eu compreendo.

SILVESTRE
O que achaste?

ANA
(demora-se na resposta:
mastiga o que vai dizer)
Porque não lhe disseste na altura?

SILVESTRE

Quando?

ANA

Na faculdade, quando isso apareceu.

SILVESTRE

Era óbvio que ela já gostava do Carlos. E o Carlos dela.

SILVESTRE (CONT'D)

E eu adorava-os aos dois, já nessa altura. Não queria estragar aquilo... E mesmo que estivesse disposto a estragá-lo, tinha um medo enorme de o dizer.

ANA

Medo?

SILVESTRE

Sim. Medo. Nunca tiveste? O medo? Não sei que outro nome lhe dar.

ANA

Não sei. Consegues explicá-lo?

Ana senta-se junto de Silvestre.

SILVESTRE

É como se, quando o amor, não sei se é essa a palavra certa, mas é quando isso surge; é como se a vontade de lhe dizeres o que tens cá dentro estivesse constantemente a bater numa parede invisível. Queres, mas algo maior do que tu não deixa. E obviamente, pelo menos para mim, comesças a justificar a falta de coragem. Não queria estragar a relação deles. Ou não era o momento certo. Ou já era tarde demais. E de desculpa em desculpa passaram-se os anos. Agora claro que não o digo. Não directamente. Daí o sonho. Que não é falso, note-se. Sonhei-o mesmo. Mas foi mais fácil assim. Mesmo que ela não o tenha percebido.

(olha as mãos, a que fuma
e a que descansa no colo)

Achas que ela percebeu?

ANA
(sorri)
Sim.

SILVESTRE
Hmm. Então está feito.

ANA
Feito?

SILVESTRE
Sim. Acabou. Já disse, já está dito.

ANA
E agora?

SILVESTRE
Agora vem o resto. Pode ser que apareçam outras pessoas. Quem sabe.

O PLANO AMPLO, QUE MOSTRA A SALA TODA.

Ana levanta-se e coloca-se junto às costas de Silvestre.

Abraça-o assim, os braços descansando nos ombros de Silvestre. Este fecha os olhos.

A CÂMARA VIRA-SE PARA A PORTA QUE DÁ PARA O CORREDOR. ZOOM.

INT. CORREDOR

Um pouco antes de Silvestre contar o sonho a Mariana: Carlos sai da casa de banho. O som do autoclismo. Apaga a luz.

Começa a andar em direcção à sala mas hesita junto à porta do escritório de Luís. Entra timidamente e acende a luz.

DENTRO DO ESCRITÓRIO. VEMOS CARLOS A ENTRAR.

Olha em redor, para as estantes, os quadros, a secretária.

ESSAS ESTANTES. LIVROS VÁRIOS: LITERATURAS DE VÁRIOS PAÍSES. CLÁSSICOS PORTUGUESES, RUSSOS, FRANCESES... QUADROS (VAN GOGH, ALGUNS ARTISTAS DO SÉC. XXI). A ESTANTE: LIVROS, CADERNOS. UM PORTÁTIL FECHADO. FOCO NUMA PARTE DA SECRETÁRIA: AS GAVETAS.

CARLOS JUNTO DA SECRETÁRIA, NUM PLANO MÉDIO-CURTO.

Abre uma das gavetas. Sorri, um sorriso honesto, de nostalgia. Tira dessa gaveta um enorme volume de folhas precariamente presas por uma corda.

CARLOS
(sussurrando)
Impossível...

Ouve-se alguém a passar lá fora, no corredor.

MARIANA (O.S.)
Estás a fazer o quê aí?

CARLOS
(para essa Mariana fora do
shot, erguendo um pouco o
volume de folhas)
Os nossos poemas. Do Porto.

MARIANA (O.S.)
Dos três?

CARLOS
(sorrindo)
Sim!

Um pequeno silêncio. Presume-se um sorriso recíproco de Mariana, que continua a dirigir-se à casa de banho. Sons da luz que se acende e da porta que se fecha.

Carlos abre o livro e começa a folheá-lo lentamente.

CLOSE UP DAS PÁGINAS. OS POEMAS.

CARLOS, QUE SORRI, AO OLHAR PARA BAIXO, PARA O CADERNO.

FLASHBACK.

O MESMO FLASHBACK QUE VIMOS QUANDO SILVESTRE OLHOU PARA O SEU CADERNO VELHO, NO SEU QUARTO. OU PELO MENOS UM FLASHBACK SEMELHANTE. OS TRÊS NO MESMO CAFÉ. OS MESMOS MOVIMENTOS DE CÂMARA, OS MESMOS CORTES. UM NOVO MOMENTO, TAMBÉM ELE BREVE: OS TRÊS AGORA COM BERNARDO, AINDA NESSE CAFÉ. BERNARDO LÊ ALGO EM PÉ JUNTO À MESA EM QUE OS RESTANTES ESTÃO SENTADOS.

SILVESTRE EM CLOSE UP. SORRI. DE REPENTE VEMOS BERNARDO SÓ, NUM FUNDO NEGRO. UM ZOOM RÁPIDO QUE O ISOLA.

Alguém bate à porta do quarto. Voltamos ao escritório.

LUÍS JUNTO À PORTA.

LUÍS
Trespassando?

CARLOS
(sorrindo)
Desculpa.
(ergue o o caderno)
Guardaste isto.

LUÍS
Sim.

PLANO AMPLO DO ESCRITÓRIO.

Luís aproxima-se de Carlos. Pega no caderno e olha-o em silêncio.

CARLOS
Também tens uns quantos do
Bernardo.

LUÍS
Sim, os que ele me partilhou - nos
partilhou - no café.

O CADERNO. DE NOVO O SILÊNCIO, INTERROMPIDO PELOS SONS DE
MARIANA A SAIR DA CASA DE BANHO. OS DOIS EM PLANO MÉDIO,
OLHANDO PARA A PORTA. OLHAM DEPOIS UM PARA O OUTRO.

CARLOS
Falaste com o Silvestre sobre o
Bernardo?

LUÍS
Não... Não sabia bem o que dizer.
Mas pensei nisso. Ele disse-te
alguma coisa?

CARLOS
Só que tinha morrido, e disse-me o
dia do funeral. Mas não pude ir.

LUÍS
Pois, nem eu...

CARLOS
Hmmm. Nem agora sou capaz de falar
nisso com ele. Nem sei se devo.
Acho que... Não acho nada.
(MORE)

CARLOS (CONT'D)
 não sei lidar com essas coisas. E é
 pior quando não somos nós.

LUÍS
 Sabes do que morreu?

CARLOS
 Não. Assim que o Silvestre me disse
 pensei logo em suicídio mas...

LUÍS
 Hmm. Sabes, gostava de o ter
 conhecido melhor.

CARLOS
 (Anui)
 Sim, eu também. Era daquelas
 pessoas que... Não sei. Era
 daquelas pessoas.

Luís sorri. Olha outra vez para o caderno.

LUÍS
 Queres uma cópia?

CARLOS
 Muito.

LUÍS
 Então está prometido. Quando te vir
 outra vez... É que hoje não estou
 para isso.

Sorriem os dois. Luís pousa o caderno na secretária e coloca
 depois uma mão no ombro de Carlos.

LUÍS (CONT'D)
 Vamos. Ainda tenho uma garrafa por
 abrir. Ou duas aliás.

CARLOS
 Vamos.

O ESCRITÓRIO. SAEM OS DOIS. APAGAM A LUZ E FECHAM A PORTA.

A voz de Luís.

LUÍS(O.S.)
 Vai indo, esqueci-me que tinha que
 ir mijar!

FLASHBACK- EXT. RUAS DO PORTO - NOITE

Um café cheio de gente. Barulhos: vozes várias, risos, alguém que grita, chávenas a bater nos respectivos pires.

A CÂMARA JUNTO DA PORTA DESSE CAFÉ, OLHANDO PARA DENTRO.

Os quatro jovens entram. Cumprimentam alguém que conhecem.

A CÂMARA ESTA AGORA NO TECTO, PERMITINDO UM ACOMPANHAMENTO DOS QUATRO VISTOS DE CIMA. ELES ATRAVESSAM O CAFÉ, PASSANDO PELO MEIO DAS PESSOAS. CHEGAM À MESA DE ANA E MARIANA.

Cumprimentam-se uns aos outros. Algumas pessoas mais estão também nessa mesa (os "animais" da associação de estudantes).

Sentam-se os quatro.

BERNARDO

Que coisa vos passou pela cabeça
para virem para o café numa noite
destas?

ANA

(mostrando com o braço
alguns papeis)
Cousas de ultima hora, que mereciam
uma superfície estável.

BERNARDO

Não há nada de estável neste café!
Tantos corpos, mexendo-se assim
nesta caótica orgia.

SILVESTRE

Caramba homem, mas todo o
ajuntamento com mais de dez pessoas
é uma caótica orgia? Podias estar
num funeral que dizias o mesmo.

BERNARDO

Mas num funeral ninguém fala assim
tão alto como estas criaturas.
(aponta para todos os
corpos atrás de si)

MARIANA

Mas não és capaz de reconhecer um
certo je ne sais quoi bonito? O
caos, as vozes, os gritos
embriagados... Acho piada a isto.

(MORE)

MARIANA (CONT'D)

Nem sempre, claro, mas uma visita pontual a estes sítios cai sempre bem.

BERNARDO

Quem cai sempre são estes jovens, e raramente o fazem bem. Porque estão bêbados, claro.

MARIANA

(sorrindo)

Sim, eu percebi, senhor Norman McDonald.

Bernardo sorri também e aponta para ela, num gesto de lisonjeio.

LUÍS

E as horas? Quando é que começa aquilo mesmo?

Ana olha para alguém da AE.

ANA

Onze e meia?

ALGUÉM DA AE

Sim.

LUÍS

(olhando para o telemóvel)

Quase.

LUÍS (CONT'D)

(Olha depois para os três que vieram consigo)

Mais um fino?

A resposta afirmativa dos três não aparece em câmara, mas percebe-se pelo pedido de Luís, que levanta primeiro o braço.

LUÍS (CONT'D)

Eles vêm cá?

ANA

Achas?

Luís fecha os olhos e suspira de frustração.

LUÍS

Desejem-me sorte. Vou à guerra.

SILVESTRE

Vai, mas volta!

CARLOS
Traz lembranças!

LUÍS LEVANTA-SE E DESAPARECE NO MAR DE GENTE

BERNARDO
Era tão jovem...

INT. CORREDOR DA CASA DE LUÍS.

A PORTA DA CASA DE BANHO EM PRIMEIRO PLANO. AO FUNDO A PORTA DA SALA DE JANTAR.

Luís sai da casa de banho, apagando a luz e fechando a porta.

A câmara acompanha-o, não em movimento mas num zoom lento, até ele chegar à entrada da sala. À medida que o zoom e Luís se aproximam da sala, as vozes dos quatro nessa sala de jantar começam a fazer-se ouvir. Falam de música.

Gêneros, artistas. Palavras soltas de uma conversa que viaja de nome em nome, de género em género.

SALA DE JANTAR. LUÍS ENTRA.

OS INTERLOCUTORES EM PRIMEIRO PLANO.

SILVESTRE
Evidentemente que sempre houve musica má, mas não se pode negar que hoje há muita mais.

ANA
Mas há mais musica má porque há mais música, e não porque só há má música, percebes? E há muita mais facilidade de acesso a praticamente tudo o que se faz. Essa ideia de que só há música má hoje em dia é absolutamente ridícula.

CARLOS
Hmmm, sim, mas também não há aquelas bandas de outrora.

ANA
Obviamente.

CARLOS

E não digo só porque essas bandas em concreto já não existem, mas bandas dessa qualidade, e é disso que me queixo.

MARIANA

Sim! Onde andam os Pink Floyd e os Led Zeppelin do século vinte e um?

LUÍS

(já sentado)

Se calhar não existem porque não há modo de existirem.

MARIANA

Como assim?

LUÍS

Olha vê: Qualquer pessoa com internet pode ouvir os álbuns das grandes bandas do passado, certo? E se essas pessoas os podem ouvir com tanta facilidade, então as bandas de hoje certamente que já os conhecem de trás para a frente. E portanto já os absorveram. E se todos já ouviram os Pink Floyds e os Led Zeppelins, toda essa música está, quer queiram quer não, na música de hoje.

LUÍS (CONT'D)

Nenhum álbum morre, todos se transformam. Não pode haver um novo Led Zeppelin se já houve um. É impossível. Tanto porque se se fosse de facto tentar imitar esses artistas, que o fizesse seria rotulado de imitador e de ladrão intelectual, e também porque já não há a necessidade de o fazer. Já houve. E portanto não é necessário que haja de novo.

MARIANA

Mas eu não falo somente desses estilos musicais, mas da música em geral.

LUÍS

Sim, claro. Mas isso que disse aplica-se a praticamente todos os géneros.

(MORE)

LUÍS (CONT'D)

Se calhar os únicos que ainda podem oferecer algo de novo, e que estão de facto a fazê-lo, são o hip-hop e o rock alternativo. Mas mesmo esses géneros irão bater nessa parede que o rock e o metal encontraram há anos.

SILVESTRE

E quando isso acontecer?

LUÍS

(encolhendo os ombros)

Não sei. terá que haver decerto um renascimento geral, provavelmente. Acho que um novo Pink Floyd só surgirá quase por milagre. Mas não sei que chegue sobre música para falar disto a sério. Por enquanto temos que estar atentos e ouvir. Quer dizer, há imensa coisa boa por aí. Coisa nova.

CARLOS

E também existe esta questão: será que nós vamos reparar num novo Pink Floyd? Se calhar já há nas entranhas da Bandcamp uma banda fenomenal que vai passar quase despercebida.

SILVESTRE

Oh, isso seria terrível.

LUÍS

Sim.

A MESA E OS CINCO. OS PRATOS COM RESTOS. COPOS VAZIOS.

BONIFÁCIO DORME EM CIMA DE UM ARMÁRIO, NA SALA DE JANTAR.

Luís levanta-se.

LUÍS (CONT'D)

E se fossemos lá para fora? Vem da janela um ar extremamente atractivo.

SILVESTRE

Fazer o quê?

LUÍS

O mesmo que estamos a fazer aqui, mas lá fora.

(MORE)

LUÍS (CONT'D)

Falar, acabar com estas garrafas.
Se quiseres podes correr pelo
bosque fora, voltas com um coelho
morto na boca.

SILVESTRE

Sou um cão de caça assim de
repente, é?

CARLOS

Sempre foste!

SILVESTRE

Diz-me isso na cara!

LUÍS

No focinho, queres tu dizer.

SILVESTRE

Mas que é isto? Bullying a estas
horas?

MARIANA

É um problema universal, ataca a
qualquer altura.

SILVESTRE

Por acaso tens razão, sabes que até
houve um par de episódios que...

LUÍS

(interrompendo Silvestre)
Vamos lá camaradas. Desperdiça-se
uma noite cá dentro.

A SALA. LUÍS COMEÇA A SAIR.

LUÍS(O.S.)

(a voz já de fora da sala
de jantar)
Tragam copos!

ANA

E a gente que trabalhe, está visto.

SILVESTRE

A nobreza é assim, já devias saber.

CARLOS

É necessária um revolução para pôr
isto em ordem. Levamos também uma
guilhotina.

Começam a sair. Pegam em copos e nas garrafas de vinho.
Silvestre faz questão de levar a de Porto.

EXT. CASA DE LUIS - NOITE

Luís acaba de dispor uma cadeira no alpendre. Os outros começam a aparecer vindos do hall.

CARLOS
...sabes a Marselhesa?

SILVESTRE
Porra, esqueceu-se-me a Marselhesa!

CARLOS
Não se pode fazer uma revolução de
jeito sem a Marselhesa caramba!

SILVESTRE
Pode ser o Zeca Afonso? É que em
começando a música, nem a música,
só os passos na gravilha, os
tanques não demoram nem cinco
minutos.

ANA
Como é que vocês são capazes de
fazer isso?

Isso? CARLOS Isso? SILVESTRE

ANA
Sim, isso. Pegar numa piada que até
era decente e arrastá-la até dizer
chega.

MARIANA
E mesmo depois de dizer chega ainda
continuam!

CARLOS
Isso do chega é ambíguo. Pode ser
um chega brincalhão, tipo, chega
mas quero mais ou pode ser um chega
que sim senhor, um chega para pôr
termo à cousa.

SILVESTRE
Subcrevo.

ANA

Tu também subscreves tudo o que estes dois dizem. Aliás, todos vocês três são um constante subscrever de piadas e lemas de vida!

SILVESTRE

Graças a Deus. Pior era se andássemos sempre ao murro.

MARIANA

Sempre era mais mexida a coisa. Assim uns dentes a voar, sangue nas paredes...

SILVESTRE

Mariana! Nunca te julguei tão adepta do lado animal do homem.

CARLOS

Nem imaginas...

SILVESTRE

Não estava a falar desse lado! Esse lado não me interessa! Para lá com esse lado! Esse lado! Lado!

OS QUATRO OLHAM SILVESTRE.

SILVESTRE

Aqui a piada é a repetição da palavra lado.

SILVESTRE (CONT'D)

Como o disse duas vezes sem reparar nisso, decidi exagerar, para me redimir gramaticalmente. E também para ser parvo.

LUÍS

A segunda parte foi um sucesso. Tens as garrafas?

ANA

E os copos.

CARLOS

Não podíamos beber sem os recipientes menores?

LUÍS

Ah! Poder podíamos, mas se não tivéssemos os copos não poderíamos proceder à melhor maneira de acabar uma noite de exagerado consumo alcoólico!

CARLOS

E que maneira é essa de que falas?

LUÍS

Poderia dizer-te, obviamente.

CARLOS

Obviamente.

LUÍS

Mas é muito mais satisfatório mostrá-lo de facto.

Luís pede uma garrafa e um copo com dois gestos de braço.

Serve-se depois. Bebe o vinho de um gole só e olha depois para os quatro.

LUÍS (CONT'D)

Atentai.

PLANO AMPLO DO ALPENDRE E DOS CINCO.

Luís pousa a garrafa. Depois ajeita-se e atira o copo para o bosque.

LUÍS

Divertido, não?

Sorri. Os quatro servem-se também. Bebem mais pausadamente.

Pousam também eles as garrafas e, um a um, atiram os copos para longe. Silvestre ergue os braços, triunfante. Carlos imita-o. Ana celebra também, mais timidamente. Mariana, no entanto, não poupa nas celebrações. Salta e berra.

SILVESTRE

Nossa senhora nos livre. Tens aí dentro uns demónios, rapariga.

Carlos sorri, surpreendido.

CARLOS

Bom arremesso, sim senhor.

LUÍS
 Não te julgava tão formidável
 atleta de lançamento dardejál.

SILVESTRE
 Dardejál é uma palavra?

LUÍS
 É agora!

NOVAMENTE O PLANO AMPLO, DE LONGE.

Silêncio.

A CÂMARA FUGE AOS CINCO. VEMOS AS ÁRVORES, CUJAS FOLHAS DANÇAM LENTAMENTE. O SOM DESSE DANÇAR. AO LONGE, SONS DA CIDADE (QUAL?). UMA SIRENE. UM CÃO LADRA.

LUÍS(O.S.)
 (a voz distante do que
 vemos, não só
 geograficamente mas
 também na qualidade: mais
 limpa)
 Precisamos de mais copos.

VEMOS NOVAMENTE AS ÁRVORES. O SOM DAS FOLHAS EMBALA A

CÂMARA. FADE OUT.

FLASHBACK - INTERIOR - LOCAL DA FESTA - NOITE OS SEIS SENTADOS LADO A LADO EM GRANDE PLANO. MUSICA DOS ANOS OITENTA (CHIC, TALVEZ DONNA SUMMER)

Não fazem nada. Olham para a câmara. Silvestre e Mariana em ambas as pontas, os restantes no meio. Nas mãos copos de bebidas não distinguíveis.

Ana levanta-se e coloca-se à frente dos outros. Olha para trás.

ANA EM PLANO MÉDIO.

Fala, mas não se ouve a voz. Em vez disso, as palavras surgem uma a uma em texto ao lado dela.

ANA
 Dancemos.

OS CINCO SORRIEM.

Silvestre acaba a sua bebida e levanta-se. Os restantes imitam-no.

OS SEIS DANÇAM, DE NOVO LADO A LADO, CADA UM NO SEU ESTILO PRÓPRIO. ESTA IMAGEM PERSISTE DURANTE ALGUNS SEGUNDOS.

OS SEIS DE COSTAS, DANÇANDO AINDA.

INT. CASA DE LUIS - MANHÃ IMAGENS DA CASA. A MESA AINDA SUJA. OS COPOS, OS PRATOS. AS DIVISÕES EM PLANO AMPLO. A SALA. SILVESTRE DORMINDO NO SOFÁ, COM BONIFÁCIO DEITADO A SEU LADO. CARLOS E MARIANA DEITADOS NA CAMA DE UM QUARTO DESCONHECIDO (DE HÓSPEDES?). LUÍS DORMINDO NA SUA CAMA. O CORREDOR VAZIO. O ESCRITÓRIO E A SECRETÁRIA, COM O VOLUME DE POEMAS EM CIMA. A COZINHA, ONDE ESTÁ ANA.

Ana prepara o seu pequeno almoço, ou algo dessa espécie.

Café ao lume. Depois de tirar uma chávena de uma das prateleiras, poussa-a junto do fogão.

CLOSE UP DE ANA, QUE SE VIRA PARA A JANELA. ANA EM PRIMEIRO PLANO. A JANELA E TUDO O QUE SE PERMITE VER EM SEGUNDO PLANO: SONS DE FORA, PÁSSAROS, UMA BRISA LEVE EMPURRA AS FOLHAS DAS ÁRVORES. DE NOVO A CARA DE ANA.

Fecha os olhos. Um sorriso leve, quase imperceptível surge-lhe nos lábios. Serve o café e bebe um pouco.

ANA EM GRANDE PLANO, NO CENTRO DA COZINHA.

LÁ FORA. OS CARROS. AS ÁRVORES, AS FOLHAS DANÇANDO LENTAMENTE. COPOS PARTIDOS JUNTO À BASE DE ALGUNS TRONCOS. O TEMPO PASSA. VOLTAMOS AO ALPENDRE, ONDE ESTÃO JÁ OS CINCO.

Carlos despede-se de Ana, depois de Luís.

LUÍS

Temos que repetir esta cerimónia.

CARLOS

Imperativamente.

SILVESTRE

Esperamos mais uns cinco anos ou antecipamos a coisa?

LUÍS

Logo se vê, não é? Estas coisas é melhor esperar que surjam. Combiná-las com muita antecedência nunca é boa ideia.

SILVESTRE

É justo.

CARLOS

Adeus, meus caros.

Encaminha-se para o seu carro. Mariana despede-se também.

MARIANA

Foi bonito. Gostei.

ANA

Foi, não foi?

LUÍS

Foi fantástico ver-vos, ou rever-vos. Vejam lá, não fiquem mais novos até ao próximo jantar. Não sei que espécie de poções vocês andam a tomar, mas ou partilham com a gente ou abdicam da solução, que isto assim até é cruel.

MARIANA

Ok, Luís, rédeas nesses lisonjeios.

Ri-se. Luís também. Silvestre, sentado nas escadas do alpendre, fuma. Mariana despede-se dele com um sorriso compreensivo.

MARIANA (CONT'D)

Até a uma próxima, Silvestre. E vê se deixas de fumar. Essas coisas matam.

SILVESTRE

(erguendo o cigarro)
Espero bem que sim!
(ri-se)
Adeus, Mariana.
(olha depois para Carlos)
Tu também, ó criatura!

CARLOS

Diz-me isso na cara, ó besta!
(sorri)
Adieu mes ami. Digam coisas hein?
Tu principalmente.

SILVESTRE

Sim, sim. Eu digo, fique descansado.

Entram no carro.

UM PLANO SUPERIOR ACOMPANHA O VEICULO, QUE COMEÇA A SAIR DAS PROXIMIDADES DA CASA.

DE NOVO O ALPENDRE.

Silvestre apaga o cigarro. Puxa do maço. Depois de olhar volta a arrumá-lo, fazendo uma careta.

LUÍS

E tu. Vais ou ficas aqui a ocupar espaço?

SILVESTRE

Ah, quem me dera importunar-vos eternamente. Mas enfim, chamam-me para outros sítios. Meus caros: despeço-me.

PLANO AMPLO.

Silvestre aproxima-se de Ana para a abraçar. Hesita depois em despedir-se de Luís, antes de o abraçar também, abraço este mais demorado.

LUÍS

O que o Carlos disse também o subscrevo: Diz coisas. Falo a sério.

ANA

Eu também!

SILVESTRE

Vou tentar. É-me estranho comunicar pro estes meios modernos. É tão mais fácil falar em pessoa! Mas vou tentar.

INTERIOR DO CARRO DE SILVESTRE. PARA LÁ DO PÁRA-BRISAS VEMOS LUÍS E ANA, E SILVESTRE QUE SE ENCAMINHA PARA O VEICULO. O

SOM DA PORTA A ABRIR E A FECHAR. A CABEÇA DE SILVESTRE EM PRIMEIRO PLANO, DESFOCADA.

SILVESTRE (O.S.)
(quase sussurrando)
Adeus.

DO ALPENDRE VEMOS O CARRO DE SILVESTRE A IR EMBORA. O PLANO MUDA DEPOIS PARA LUÍS E ANA.

Esta faz intenção de ir para dentro.

ANA
Anda. Nem penses que arrumo aquele desastre sozinha.

Entra no hall. A porta fica aberta

ANA (O.S) (CONT'D)
E para a próxima fazes tu o manjar!

LUÍS
(sorrindo)
Oh, mas sem dúvida.

LUÍS EM CLOSE UP.

Coloca as mãos atrás na nuca e sorri. O sorriso transforma-se depois num leve riso. Nesse riso toda a noite passada.

LUÍS VIRA-SE DEPOIS E ENTRA EM CASA. A PORTA FECHA-SE. DE NOVO AS ÁRVORES E AS FOLHAS. ÊNFASE NO SOM DESTAS. SOM ESTE QUE COMEÇA LENTAMENTE A TRANSFORMAR-SE NO SOM DE ONDAS. CARRO DE CARLOS E MARIANA. CARLOS CONDUZ EM CLOSE UP. OLHA PARA MARIANA. ESTA OLHA PARA LÁ DA JANELA ANTES DE SE VIRAR PARA CARLOS. SORRI. SEMPRE O SOM DAS ONDAS. SILVESTRE FORA DO CARRO, SENTADO NA SUA DIANTEIRA. PLANO AMPLO. O CARRO ESTÁ ENCOSTADO À BEIRA DE UMA ESTRADA NACIONAL. MONTANHAS E VERDE PARA LÁ DA ESTRADA. UMA CURTA IMAGEM DE MARIANA, QUE PARECE CORRER. O CABELO AO VENTO. MARIANA OLHA DEPOIS PARA A CÂMARA E SORRI. REGRESSO A SILVESTRE, AGORA VISTO DE FRENTE. UM SUSPIRO? LEVANTA-SE E REGRESSA AO INTERIOR DO CARRO.

ANA E LUÍS A ARRUMAR A CASA. RIEM. UMA DISCUSSÃO AMIGÁVEL. ANA APONTA, POR QUALQUER MOTIVO, PARA LUÍS. ESTE MORDE-LHE O DEDO, SORRIDENTE. IMAGEM DA SALA DE JANTAR. BONIFÁCIO ATRAVESSA-A.

FLASHBACK- EXT. PRAIA - MANHÃ

OS SEIS ESTÃO SENTADOS LADO A LADO NA AREIA, VISTOS DE COSTAS. PARA LÁ O MAR. AINDA NESTE PLANO.

Bernardo levanta-se e começa a despir-se.

BERNARDO

Caríssimos, vamos à água!

CARLOS

Nem pensar!

LUÍS

De facto. Fico-me bem aqui. Isso da hipotermia não é algo que queira experimentar.

Silvestre levanta-se também, imitando Bernardo no despir.

SILVESTRE

Como dizia já o Julian Casablancas, só se vive uma vez. Ao mergulho!

Bernardo e Silvestre correm para a água, ainda despindo peças de roupa.

A CÂMARA, NUM TREMER ÓBVIO DE QUEM A SEGURA, ACOMPANHA OS DOIS. MERGULHAM. OS QUATRO AINDA SENTADOS, VISTOS AGORA DE FRENTE.

Luís levanta-se mas Ana agarra-lhe no braço e volta a sentá-lo. Sorriem os dois.

SILVESTRE EM CLOSE UP. OLHA PARA A CÂMARA (E OS QUATRO). EM SEGUNDO PLANO BERNARDO ERGUE-SE NA ÁGUA, RINDO. SILVESTRE OLHA-O E RI TAMBÉM. VOLTA DEPOIS A OLHAR PARA OS QUATRO, PARA LÁ DA CÂMARA. SORRI, MAS O SORRISO TRANSFORMA-SE LENTAMENTE EM ALGO MAIS SÉRIO. BERNARDO MERGULHA NOVAMENTE. SILVESTRE OLHA PARA LÁ.

FIM

Parte II

Comentário ao Argumento

Comentário ao argumento cinematográfico original
Symposion

Ponto de partida do trabalho

Parti, para o trabalho, com o objetivo de escrever um argumento cinematográfico sem qualquer antagonista, livre da estrutura tradicional de ação-consequência. Queria, sob esta condição, escrever um texto em que o diálogo fosse o foco principal e, de certo modo, a história em si. Imaginei portanto uma história mínima na sua complexidade, algo que se observaria na cronologia (ou cronologias) do argumento: uma reunião de amigos em que acompanhamos as personagens ao longo de um jantar, desde o fim de tarde até ao amanhecer, e uma outra narrativa apresentada em pontuais *flashbacks*, em que vemos as mesmas personagens na última noite de faculdade, quando vão a uma festa. Também este *flashback* termina na manhã seguinte. Sem uma entidade que se oponha às personagens, estas duas narrativas paralelas apresentam momentos de diversão, diálogo e confraternização.

Para lá da ausência de antagonistas, um outro aspeto que tive em mente era o tom específico do argumento. Desejava escrever um texto humorístico, sem que fosse necessariamente uma comédia no sentido tradicional (tradicional no contexto cinematográfico). Queria escrever um diálogo realista. Por realista entendo um diálogo que, tal como o que sucede na vida real, não tem sempre um objetivo. A conversa surge porque sim, e o tema nem sempre é importante. Assim, as personagens conversariam sobre vários temas, mas sempre com a leveza e diversão que se observa entre amigos. Em suma, queria que as personagens se divertissem no seu diálogo, e se possível queria que esta diversão fosse também partilhada pelo leitor. Daí apontar a diferença entre o texto humorístico, que pretendia escrever, e a comédia: não queria que o diálogo fizesse o leitor rir à custa das personagens, mas sim que o leitor se divertisse com elas.

Desejava também poder caracterizar as personagens através deste mesmo diálogo, deixando que as conversas fossem oferecendo aqui e ali certos aspetos de cada amigo. Queria também recorrer o mínimo possível a cenas sérias, evitando a inclusão forçada de momentos que, mesmo que oferecessem informações sobre os intervenientes, acabassem por danificar de certo modo o tom do argumento. Quer isto dizer que preferia ir caracterizando as personagens ao longo do texto, mesmo que ficasse algo por dizer, do que edificá-las completamente mas ir contra o esforço de escrever esse diálogo realista e humorístico. Aliás, desde cedo decidi não dizer tudo sobre cada personagem, partindo desse mesmo princípio: nunca se sabe tudo sobre qualquer uma pessoa, mesmo que se trate

de um amigo. Achei este aspeto interessante, e procurei concretizá-lo no texto, por exemplo: não especifiquei o estado profissional das personagens, e mesmo quando se fala disso (diálogo entre Silvestre e Luís assim que este recebe aquele na sua casa¹) não quis escrever um Silvestre demasiado curioso. Julguei também que os cinco amigos estavam relativamente a par da vida uns dos outros, e portanto não haveria necessidade de escrever diálogos sobre este aspeto; outro exemplo, com o mesmo enquadramento, seria as relações Ana/Luís e Mariana/Carlos.

Não apresentei o passado completo destas personagens, tanto porque não previa escrever *flashbacks* demasiado numerosos e demorados, como também não achei necessário ao texto: na minha opinião, apresentar os casais já unidos oferece às personagens uma outra dimensão, um passado construído para lá do texto. Em vez de escrever as cenas-génese dos namoros, apresentei essas relações em pequenos momentos no diálogo, ou em cenas que oferecessem também outras coisas. Dois exemplos: na cena em *flashback* no quarto de Ana no tempo de faculdade, esta fala de uma noite que passou acordada, dias depois de conhecer Luís.²

Noutras cenas seguintes, já no presente, é claro que Luís adora Ana, e podemos concluir que o sentimento de Ana nessa noite era recíproco. Outro exemplo é a cena introdutória de Carlos e Mariana, na paragem de serviço³. Queria que este namoro fosse mais físico na sua natureza, mais “jovem”. Assim, apresentei um Carlos que se ri dos infortúnios menos graves de Mariana. Neste caso Carlos ri-se das calças de Mariana, que se sujaram num episódio não especificado, mas suficientemente sugerido pelos risos de Carlos.

Deste modo julgo que consegui uma construção das personagens sem recorrer a cenas sérias ou demasiado descritivas, e tentei repeti-lo ao longo do argumento.

1 p. 9-10

2 p. 13-15

3 Segunda cena, que apresenta as personagens Carlos e Mariana. p. 1-2

Síntese da história e apresentação das personagens

2.1 - História:

Symposion apresenta uma história dividida entre duas narrativas paralelas: um jantar de amigos anos depois de estes terminarem a faculdade; e uma festa na última noite de faculdade, apresentada em *flashbacks* ao longo do argumento. Ambas as narrativas foram construídas com a falta de antagonista como força maior, apresentando as personagens em cenas de puro convívio. Estes momentos de diversão são interrompidos um par de vezes por cenas mais sérias que trazem ao de cima alguns assuntos que ficaram por resolver ao longo dos anos. Estes momentos não são, no entanto, o foco da história, e por isso mesmo ficam por resolver: a paixão de Silvestre por Mariana; a morte de Bernardo.

O jantar:

Alguns anos depois de terminarem a faculdade, cinco amigos reúnem-se para um jantar. Luís, uma das personagens, convida Carlos, Mariana e Silvestre para jantarem na casa que partilha com a namorada Ana. Ao longo do jantar, os cinco vão falando de música, do passado, de Eça de Queiroz e de gastronomia, entre outros temas. É uma noite de conversa, bebida moderada e diversão. Na manhã seguinte Carlos, Mariana e Silvestre despedem-se de Luís e Ana, e a reunião termina, com a sugestão de um outro jantar, no futuro.

A última noite de faculdade e a festa:

A outra narrativa apresentada no argumento é a da festa com tema dos anos oitenta, realizada na última noite de faculdade. Em *flashbacks* apresentados ao longo do texto, as mesmas cinco personagens, acompanhadas agora por uma sexta, Bernardo, preparam-se e vão a uma festa temática, onde os convivas vão vestidos à anos 70/80. Para lá desta festa, os *flashbacks* oferecem também uma visão das personagens alguns anos mais novas, e as suas relações nessa altura. É uma

narrativa mais frenética, com cenas mais curtas, mais cômicas e sem o peso da responsabilidade pós-faculdade. Há também a personagem de Bernardo, já referida. A relação entre Silvestre e Bernardo, para além de ser uma de amizade próxima, é também a relação de Silvestre com o passado. Na última cena em *flashback*, que é também a última cena do texto, os seis amigos estão na praia, na manhã seguinte à festa.⁴ Para além de ser um estudo sobre a nostalgia do que ainda não se perdeu, esta cena serve de ponte entre o passado e o presente. Procurei representar isso mesmo através da descrição das personagens no espaço, colocando Silvestre entre Bernardo (o passado) e os restantes amigos (presente e futuro).

2.2 - Personagens:

Criar as personagens foi um desafio, especialmente no caso de Ana e Mariana. Não tenho qualquer experiência anterior de escrita de personagens femininas, e portanto escolhi escrever amigas em primeiro lugar e mulheres em segundo. Se conseguisse inserir todas as personagens no diálogo sem que me sentisse forçado ou desconfortável ao fazê-lo, estaria satisfeito com o resultado. A conceção das personalidades e dos nomes ocorreu antes de começar a escrever o texto. Os nomes de Luís e Carlos surgiram no ato da escrita. Os restantes são nomes de personagens que fui escrevendo ao longo dos anos (Silvestre e Bernardo) ou nomes de amigos que decidi inserir no texto (Ana e Mariana). As personalidades são originais na maior parte dos casos. Bernardo é inspirado numa personagem que fui criando ao longo dos anos. Silvestre tem aspetos autobiográficos e originais. Assim, as personagens de *Symposion* são:

-**Silvestre**, um jovem que quer ser escritor, carregando consigo a chama literária dos anos de faculdade. Quer fazer da escrita sua vida, algo que consegue com mínimo sucesso;

-**Carlos**, namorado de Mariana. Desconhece-se o que faz profissionalmente. Também ele escrevia nos tempos de faculdade, mas durante o argumento é revelado o seu abandono da escrita.

-**Mariana**, Também se desconhece o que faz da vida. É, segundo Silvestre, uma pessoa exceccionalmente social. Silvestre tem ainda uma réstia de paixão por ela, algo que é tratado (mas não totalmente concluído) no argumento.

4 p. 67-68

-**Ana**, namorada de Luís. Vive com Luís na casa deste (ou dos dois). Leva uma vida de casada. Percebe-se que o relacionamento entre os dois é saudável e duradouro, o protótipo da relação perfeita. Tem em certos momentos do texto uma maturidade louvável, o que a torna numa figura quase maternal para Silvestre.

-**Luís**, trabalha na Faculdade de Letras, embora a sua função seja desconhecida. Representa, com Ana, o adulto do grupo, pelo menos a nível profissional. Deduz-se em certos momentos do texto que será rico. Tal como Carlos e Silvestre, também ele escrevia nos tempos de faculdade.

-Há ainda uma outra personagem, **Bernardo**, que aparece somente nos *flashbacks*. É um grande amigo de Silvestre, embora a relação de Bernardo com os restantes personagens seja talvez mais distante, ainda que amigável. Sabe-se que morreu no período de tempo que separa os *flashbacks* e o presente do filme. Aponta-se a hipótese de suicídio mas nada é confirmado.

Alterações às ideias iniciais

3.1 - Maior número e relevância de cenas sérias:

O diálogo humorístico e realista a partir do qual procurava construir o argumento resultava precisamente nesses momentos humorísticos, mas senti que certos aspetos das personagens que tinha planeado desenvolver não cabiam nas cenas cómicas. Isto porque o diálogo que escolhi para cada personagem (sobretudo à base de piadas), não resultaria quando queria oferecer informações mais detalhadas. Por exemplo, consegui explorar através do humor o nacionalismo das personagens, e a devoção que Luís, Carlos e Silvestre nutrem para com Eça de Queiroz. Até mesmo a opinião dos cinco sobre a gastronomia portuguesa. No entanto seria difícil e até contrário ao texto (e às personagens) apresentar a morte de Bernardo do mesmo modo. Assim, decidi desenvolver as cenas mais sérias e íntimas, algumas que já planeava escrever e outras que surgiram já durante o trabalho.

- *O sonho*⁵: A cena em que Silvestre conta a Mariana o sonho que teve estava planeada desde cedo. Queria que este episódio mostrasse um Silvestre diferente do que tínhamos visto até agora: um Silvestre vulnerável, que foge ao humor durante um pequeno momento. Carregando desde a faculdade uma paixão por Mariana, Silvestre nunca conseguiu dizer-lhe isso. Decide portanto contar um sonho que teve, onde expõe de certo modo o sentimento que guardava há muito. Como disse, esta cena estava já planeada, mas quis aproveitar este momento de pausa e de seriedade das personagens para desenvolver também a relação de Ana e Silvestre. O momento que estes partilham depois de Mariana sair da sala de jantar explora o papel de Ana enquanto figura quase maternal para Silvestre. Quis dar a Ana uma maturidade que não conseguiria desenvolver nas restantes cenas, muito porque essa maturidade/maternidade está no gesto final da cena.

- *Luís e Carlos no escritório*⁶: Também previ escrever esta cena, mas em ideias gerais. Queria criar um momento fraterno entre Luís e Carlos, e sabia que queria que fosse um momento nostálgico. Aproveitei a breve conversa sobre o volume de poemas que Luís guardou para escrever um diálogo sobre a morte de Bernardo. Achei interessante escrever um diálogo inconclusivo: nem

5 p. 43-46

6 p. 50-53

Luís nem Carlos sabiam ao certo de que modo havia morrido Bernardo, e portanto conjecturam a hipótese de suicídio. Gostei de apresentar esta ignorância, pois situava Luís e Carlos à margem da amizade de Silvestre e Bernardo.

3.2 - Flashbacks:

Intenção inicial:

Inicialmente queria escrever *flashbacks* em episódios soltos, passados ao longo dos vários anos de faculdade, que oferecessem pequenas apresentações das personagens. Esta ideia ia ao encontro da de escrever o jantar num diálogo quase contínuo, e portanto a caracterização das personagens acabaria por ficar a cargo destes *flashbacks*. Um destes episódios acabou por ser incorporado na narrativa da festa: a cena de Mariana e Ana no quarto de faculdade desta⁷.

A breve imagem que Silvestre tem de Mariana já depois de se despedir de Luís e Ana era também uma ideia que tinha para um *flashback* isolado, que mostrava os dois (Silvestre e Mariana) numa certa proximidade.

Tinha também a intenção de escrever um ou outro episódio de Luís, Carlos, Silvestre e Bernardo no café, lendo e escrevendo, mas decidi mostrar apenas pequenos *flashes* desses momentos em montagens breves mas caóticas, numa tentativa de sugerir mais do que mostrar.

A narrativa da festa:

Achei interessante desenvolver a ideia que surgiu pouco antes de começar a escrever: uma narrativa paralela à do jantar, explorando a última noite de faculdade. Mantive a estrutura que havia previsto antes: apresentar os *flashbacks* pontualmente.

Ao criar uma narrativa que unificava os *flashbacks*, surgiu a oportunidade de dar mais liberdade às cenas, pois estavam agora despidas de um princípio, meio e fim obrigatório. Evidentemente que algumas destas cenas têm ainda essa estrutura, mas surgiu sem que eu pensasse em tal. Já não tinha a preocupação de dar um sentido/objetivo a cada episódio, algo que estava planeado no caso das cenas isoladas. Isto permitiu a escrita de um diálogo mais livre e portanto mais naturalmente

⁷ Cena já referida, p. 13-15

humorístico: pude focar-me em assuntos como a dosagem ideal de perfume, ou num modo mais abstrato de descrever a cena da dança.

Consegui também criar uma ponte entre o passado e o presente, na já referida cena final. Surgiu também a oportunidade de apresentar a relação de Bernardo e Silvestre, dando também voz àquele, sem quebrar a narrativa: por exemplo na cena do café, quando os quatro rapazes se juntam a Ana e Mariana⁸.

3.3 - Cenas com menos diálogo:

Fui observando, à medida em que escrevia o argumento, que os momentos de silêncio deixavam o texto respirar, ao mesmo tempo que ofereciam a oportunidade de colocar as personagens nesse mesmo silêncio. Por silêncio refiro-me tanto à ausência de som nítido como também à simples falta de diálogo. Gostei deste aspeto de explorar a interação muda das personagens, tanto entre elas como entre a personagem e o mundo.

Um bom exemplo destes dois tipos de interação é a cena de Carlos e Luís no escritório⁹. Inicialmente vemos Carlos explorando o escritório timidamente, antes de encontrar o volume de poemas. Mesmo depois de retirar o volume da gaveta e de Luís entrar no escritório há uma certa solenidade na cena.

Observamos o mesmo na cena do alpendre, já depois do jantar. Assim que a câmara deixa os cinco, vai explorando o bosque e aquilo que se permite ver para lá dele. Esta pequena aventura da câmara é também uma exploração do silêncio existente fora do círculo de festa dos cinco amigos.

Decidi também despir a cena final de quase todo o diálogo que tinha imaginado escrever. Em vez de Silvestre interrogar os amigos sobre o seu futuro, enquanto os filma com o telemóvel, quis que o som das ondas tomasse conta da cena. Ao fazer esta mudança, deixei que as ações, os gestos e os olhares das personagens falassem por si, resultando num final que considero mais belo, talvez por ser mais significativa.

8 p. 53-55

9 p. 50-53

Notas sobre o processo de escrita

4.1 - Estilo da escrita:

Previa, à partida para o trabalho, uma escrita mais esquelética, à base da indicação do local e do tempo da ação, sem grande detalhe. Isto porque estava à espera de escrever algo em que o diálogo fosse a força maior do texto, carregando consigo todo o valor prosaico e poético. No entanto, assim que comecei a escrever o argumento, isto não sucedeu.

Senti uma certa obrigatoriedade em descrever de modo prosaico os espaços, ações, imagens e sons. Digo obrigatoriedade pois não considero que esta descrição seja essencial a um texto cinematográfico, uma vez que é possível escrever um argumento despido desta espécie de descrição. Talvez por ser este o primeiro argumento que escrevi, trouxe para o texto a influência dos romances e outras prosas que fui lendo ao longo dos anos.

4.2 - Descrição das imagens sons e espaços:

Como disse, apliquei uma escrita mais descritiva a estes elementos do argumento. Talvez por se tratar de um texto cinematográfico pensei em imagens e não em palavras, algo que não estava à espera antes de iniciar o processo de escrita do trabalho. Julgo que até o diálogo é vítima deste tipo de escrita. Dou o exemplo da cena em que os cinco amigos se servem do que está na panela, no início do jantar¹⁰. Foquei-me na panela e nos braços que iam retirando a comida, deixando que as personagens falassem fora da imagem. Senti a necessidade de descrever o espaço da ação a vários níveis:

Imagens:

10 Cena que inicia o consumo do jantar, p. 23-31

A descrição das imagens (ruas do Porto, divisões da casa de Luís, o bosque) surgiu pois achei que se aliava perfeitamente ao diálogo. Como já disse, o argumento foi concebido a partir da falta de um antagonista, e portanto não havia necessidade de conduzir as personagens através de vários locais diferentes. O pequeno leque de espaços que, de facto, existe no argumento pedia, portanto, uma descrição, um desenvolvimento. O espaço tornou-se quase uma outra personagem, e era necessário caracterizá-lo.

Como não queria que o diálogo construísse o mundo (pois corria o risco de falhar na intenção de criar um diálogo realista), descrevi esse mundo nas várias indicações técnicas. Aproveitei sobretudo os momentos de pausa no diálogo e na ação para proceder a essa descrição. Considero três espaços maiores como fundamentais, e também como exemplos dos locais que fui construindo através destas descrições:

Ao mostrar a casa de Luís não foi necessário que as personagens falassem dela em detalhe. Naturalmente que o local e as suas características surgem no diálogo: não é possível ignorar o sítio onde se está; mas procurei escrever diálogos que reconhecessem o espaço sem aprofundar o assunto: Carlos e Mariana, tal como Silvestre, fazem breves observações à casa nas cenas iniciais¹¹. Mesmo nestes casos preferi focar-me nos aspetos menos óbvios, ou naqueles que não são perceptíveis ao olhar, como o modo através do qual Luís ficou dono da casa, ou até o facto de Luís possuir uma casa, que é como Silvestre diz, brincando, um sinal da vida de casado.

Imagens do Porto: ao escrever pequenas sequências em que o Porto aparece em montagens¹², queria transmitir a beleza que as personagens viam, em momentos quase poéticos. Essas montagens são odes não só à cidade, mas também aos anos que as personagens passaram lá. Admito a influência da cena inicial de *Midnight In Paris*, de Woody Allen, que mostra Paris desde o amanhecer até à meia-noite, com uma música de fundo excepcionalmente parisiense.

O bosque é descrito várias vezes, não só a nível da imagem, mas também a nível sonoro, indicando o som dos ramos das árvores dançando ao vento. Fiz isto por razões estéticas (acho bela essa imagem dos ramos dançando), mas também para estabelecer o padrão de som que iria dominar a cena final.

11 Páginas 3 e 9, respetivamente

12 p. 32-33

Som:

Falei brevemente do jogo que estabeleci entre o som dos ramos e folhas ao vento e o som das ondas. É este jogo que serve de transição entre a penúltima e a última cena¹³. Para lá do referido valor estético, queria também criar uma relação quase subconsciente entre o passado e o presente. Considero Silvestre a personagem mais presa ao passado, mas obviamente que não é a única. Todos os cinco amigos olham para os anos de faculdade com nostálgica alegria, e portanto inseri sempre que achei propício este jogo sonoro.

Existem também sons exteriores à ação, que surgem em algumas cenas (sons de pessoas e carros no quarto de faculdade de Ana; sons de uma cidade distante no bosque). Gostei da ideia de ir descrevendo sons que se pudessem ouvir para lá do local da ação, novamente nesse esforço de construir o mundo das personagens que existe apesar delas, e não por causa delas.

Voz off:

Usei aquilo que considero dois tipos de *voz off*: a personagem que fala antes de se juntar à cena (Ana na cena em que Silvestre chega a casa de Luís; a cena da panela); e a voz que é claramente exterior à imagem, mesmo em qualidade (“vamos por aqui, às Virtudes”¹⁴, “mais copos”¹⁵). No primeiro caso queria usar a *voz off* para dar ao espaço e à cena uma percepção de profundidade, como se a imagem que apresento fosse apenas parte do que existe no universo das personagens. O segundo caso é sobretudo uma escolha estética. Agrada-me este jogo de mistura, esta voz que se sobrepõe vivamente à imagem. Também aqui devo apontar a influência de realizadores como Tarkovsky, que usavam esta mistura para belo efeito.

O Silêncio:

Os vários momentos de pausa no diálogo não eram algo que tencionava escrever à partida, mas que surgiram ao longo do trabalho. Aliei estes momentos de silêncio às descrições de imagens já referidas, criando assim “pontes” entre as cenas, e também entre o diálogo, deixando o argumento respirar.

13 Página 67: “(...)DE NOVO AS ÁRVORES E AS FOLHAS. ÊNFASE NO SOM DESTAS. SOM ESTE QUE COMEÇA LENTAMENTE A TRANSFORMAR-SE NO SOM DE ONDAS. (...)”

14 Cena de Luís, Carlos e Silvestre percorrendo as ruas do Porto, para se juntarem a Bernardo, p. 32-34

15 Cena no alpendre já depois do jantar, quando Luís convida os outros para iram lá para fora, p. 59-62

Assim que reconheci o valor que o silêncio poderia ter, surgiu a ideia de deixar as personagens nesse silêncio, de trazer ao de cima algo sobre elas que o diálogo não conseguia. Ou, se conseguia, correria o risco de ir contra o meu esforço de escrever um diálogo realista. Talvez por ser realista é que este silêncio me foi tão atrativo: ele existe no mundo real, e as pessoas são obrigadas a lidar com isso. No argumento, as cenas de Carlos e Luís no escritório e de Silvestre e Mariana na sala de jantar¹⁶ são os melhores exemplos do silêncio em jogo com o diálogo. Neste segundo exemplo os momentos de silêncio são breves, durando não mais do que alguns segundos, mas estabelecem a hesitação e o nervosismo de Silvestre, e a complexidade não explícita de Mariana, que se impõe a Silvestre nessas breves pausas no diálogo: quando o agarra no braço, ou até mesmo quando não comenta o sonho de Silvestre, deixando que o constrangimento tome conta da cena.

Acções e gestos:

Tal como na *voz off*, considero que o argumento tem dois tipos de ação das personagens. O primeiro tipo é a ação no espaço, ou seja, a deslocação das personagens no espaço da cena. Este é talvez o aspeto menos desenvolvido do texto, muito porque não achei necessário: não há urgência, por parte das personagens; e mesmo nos *flashbacks* estava mais interessado em escrever episódios em que as personagens estavam reunidas, e não em transportá-las para esses locais.

O segundo tipo de ação das personagens é aquilo que considero os gestos: pequenos movimentos durante ou entre o diálogo. Considero os gestos fruto da já referida imaginação de imagens e não palavras, e portanto é justo dizer que surgiram naturalmente. O diálogo surgiu lado a lado com os gestos, e estes são tão fundamentais como aqueles na caracterização das personagens. Aliás, há exemplos no argumento de momentos em que esses gestos conseguem apresentar algo sobre as personagens, que escapam ao reino do diálogo: Ana agarrando a mão de Mariana, na cena no quarto de faculdade de Ana¹⁷ e o gesto de onda que ela faz ainda nessa cena; Mariana agarrando o braço de Silvestre, quando este hesita em contar-lhe o sonho; Luís mordendo o dedo de Ana quando estes estão a limpar a casa, nos momentos finais do argumento¹⁸; o suspiro de Silvestre, também nessa montagem; toda a cena final, e especial o olhar e o sorriso de Silvestre.

16 Cenas já referidas.

17 *Idem*.

18 Penúltima cena. A montagem que aparece dos cinco amigos depois de se despedirem, página 67

Indicações técnicas e didascálias:

Escrevi quase sempre as cenas a partir do ponto de vista da câmara, ou com indicações sobre o modo como esta deveria olhar para a cena. Como não se trata de um texto concebido para ser imediatamente transposto para o ecrã, não considerei estas anotações fundamentais durante o processo de escrita, mas, mesmo assim, acabei por escrever aquilo que ia imaginando, desde o plano, a disposição das personagens e os movimentos de câmara.

O *zoom*: descrevi em certos momentos do argumento o *zoom* da câmara, pois queria que a cena, ou somente o espaço em si, oferecessem algo mais antes de passar para a cena seguinte. Através deste *zoom* consegui atravessar esse espaço ainda no contexto da cena, e portanto adicionar uma certa profundidade. Na cena no quarto de faculdade de Ana queria que o vazio do quarto e a conversa que ocorrera momentos antes fossem com a câmara para o exterior, para lá da janela, para o Porto e o rio de que Ana falara. Quis dar uma voz a esse rio e ao espaço envolvente.

Numa outra vez que descrevi o *zoom* gostei da ideia de acompanhar Luís assim que ele sai da casa de banho para se juntar aos restantes convivas na sala de jantar¹⁹. Em vez de colocar a câmara ao lado dele, deixei que o *zoom* e Luís se unissem, de certo modo. Luís aproxima-se da sala de jantar, e apesar de a câmara não mudar de sítio, o *zoom* acompanha a personagem, e os sons da divisão vão ficando mais nítidos.

Tentei também criar uma distinção entre os *flashbacks* e o presente através das indicações técnicas, em especial o modo como descrevi os movimentos de câmara. Raramente escrevi um movimento de câmara no presente, indicando pontualmente o plano estático. No entanto, sempre que havia oportunidade indiquei uma câmara mais fluida nos *flashbacks*, ao estilo de Terrence Malik ou Paul Greengrass: na cena final, na praia, faço questão de descrever o tremer da câmara, como se alguém estivesse a filmar de equipamento ao ombro; também aponto para este movimento da câmara na breve memória que Silvestre tem de Mariana, igualmente no final do argumento. Quis com isto dar aos *flashbacks* uma certa jovialidade, instabilidade e fluidez, numa tentativa de transmitir a liberdade das personagens na altura, ainda livres da responsabilidade da vida adulta.

Adicionalmente, foi por imaginar o diálogo visualmente, que escrevi didascálias antes e durante o diálogo. De outro modo, certas falas perderiam totalmente o seu valor, pelo que achei absolutamente necessário indicar o modo como as personagens diziam determinada frase.

19 Página 55

Influências

Apesar de a história e personagens de *Symposion* serem originais, o conceito de escrever um argumento sem antagonista e com um foco especial no diálogo é produto de várias influências. A mais imediata, é sem dúvida a filmografia de Richard Linklater. Linklater vem desde os anos noventa criando um estilo de filme que parece venerar o diálogo e a relação entre personagens. Um dos filmes de Linklater, curiosamente o mais recente, foi sem dúvida um dos filmes que mais motivou a escrita do meu argumento. Falo de *Everybody Wants Some!!*, de 2016. O filme acompanha Jake, um caloiro, e os seus colegas de casa ao longo do primeiro fim de semana de faculdade, antes de as aulas começarem. É um fim de semana de festas, sexo e álcool. *Symposion* aproxima-se de *Everybody Wants Some!!*, não neste último aspecto, mas sim no tom geral: não há antagonista a Jake e aos colegas, e portanto o filme transborda de uma sensação de pura diversão, de puro gozar da vida. Descrevi várias vezes o diálogo de *Symposion* como humorístico não cómico precisamente porque existe um humor nesta diversão que não cabe nos formatos de comédia. É algo de mais indefinível no seu género cinematográfico.

Gostaria de referir *Dazed and Confused*, também escrito e realizado por Richard Linklater, embora não considere que este filme tenha sido tão influente como *Everybody Wants Some!!*. Refiro-o pois partilha semelhanças a nível da cronologia da história: a última tarde/noite de aulas de vários grupos de alunos, desde a última aula, às horas mortas passadas nos bares de *snooker*, atingindo o clímax durante a festa onde se reúnem todos os grupos e acabando com o amanhecer. Acho interessantíssimas as histórias passadas num curto espaço de tempo, e quis explorar pessoalmente isso mesmo.

Quero também falar do género *mumblecore*, em qual talvez se inscreva *Symposion*. É um género cinematográfico recente, surgindo em finais dos anos 90 e inícios do séc. XXI, e tem como principais características a ênfase no diálogo realista e a sua relevância sobre a história.

Um filme de Noah Baumbach, *Kicking and Screaming*, foi igualmente uma influência, sobretudo no diálogo. As personagens de *Kicking and Screaming* acabaram a faculdade e estão indecisas sobre o que fazer da vida. O diálogo representa esta hesitação das personagens, pois não vai a lado nenhum. São várias as conversas que as personagens têm sobre absolutamente nada de

relevante para o seu futuro. Quis escrever uma espécie de diálogo semelhante em *Symposion*, não tanto porque as personagens do argumento não saibam o que fazer da vida, mas porque, ou não precisam de se preocupar com isso (nos *flashbacks*), ou estão numa situação que permite em grande parte ignorar os assuntos mais sérios (o jantar).

Existem ainda outros filmes que não foram tão influentes quanto os já citados, mas que mesmo assim gostaria de referir. Quase todos os filmes de Whit Stillman estão carregados de um diálogo deliciosamente escrito, e que tal como exemplifiquei em relação a *Kicking and Screaming*, várias vezes se demora em assuntos irrelevantes relativamente à história, mas relevantes para as personagens.

The Man From Earth, de Richard Schenkman e *My Dinner With Andre* de Louis Malle merecem também menção: ambos se debruçam sobre a conversa filosófica entre as personagens (dois velhos amigos no caso de *My Dinner With Andre* e vários colegas de trabalho no caso de *The Man From Earth*). A conversa é, em ambos os filmes, o foco da história, e este diálogo longo e penetrante é algo que admiro. Embora não estivesse à procura de escrever um diálogo igualmente filosófico, foram filmes que ajudaram à génese da ideia principal: um jantar de conversa entre amigos.

Breve balanço

Symposion foi o primeiro texto cinematográfico que escrevi, e portanto foi um processo de constante aprendizagem. O desafio inicial foi dominar o formato do argumento, e a relação entre os vários elementos formais. Assim que fiquei familiarizado com o formato, o processo de escrita ocorreu com alguma fluidez, o que me surpreendeu. Temia que cada cena precisasse de vários rascunhos antes de alcançar o resultado que ambicionava, mas como acabei por imaginar as cenas às vezes durante semanas antes de as escrever, foram vários os dias em que consegui passar para o papel exatamente aquilo que havia imaginado. O segundo maior desafio foi caracterizar as personagens, de modo a que cada uma fosse individual nos seus gestos e diálogos. Não sei até que ponto é que tive êxito neste aspeto, muito porque nunca tinha concebido uma personagem feminina, e duvidava um pouco das minhas capacidades de evitar uma representação injusta das duas personagens femininas do argumento. Tive muito mais facilidade em caracterizar as personagens masculinas, e em estabelecer a sua relação. O terceiro desafio era o de cumprir com as intenções iniciais, ou de aproximar-me o mais possível delas. Como escrevi, nos pontos acima, foram necessárias algumas cedências, mas creio que consegui equilibrar o que tive que ceder com o que adicionei na sua falta. Aproveitei o maior papel dos *flashbacks* para ir mais longe no humor, mesmo para lá do diálogo. Igualmente, aproveitei os momentos sérios do argumento para desenvolver uma escrita que pedia mais das personagens, forçando uma caracterização sóbria e calculada.

Symposion foi o projeto mais intenso que desenvolvi até hoje. Tive a oportunidade de aliar o gosto pela escrita com o amor pelo cinema, e fiquei orgulhoso com o resultado. Adorei cada sessão de escrita e, admito, fiquei com vontade de escrever mais.

Bibliografia Geral Consultada

-Allen, Woody, *Annie Hall: argumento cinematográfico de Woody Allen e Marshal Brickman*, tradução de Luís de Almeida Campos, Bertrand, Venda Nova, 1989.

-Anderson, Paul Thomas, *Inherent Vice*, Warner Bros. Entertainment Inc., 2013.

-Malick, Terrence, *The Tree of Life*, Writers Guild of America, 2007.

-HILL, Walter e GILER, David, *Alien*, 1978.

-Hernández Les, Juan A., *Cinema e Literatura: a metáfora visual*, Campo das Letras, Porto, 2003.

Agradecimentos

Em primeiro lugar gostava de agradecer à minha orientadora, a professora Doutora Marta Teixeira Anacleto. Este foi um desafio para ambos, algo que nenhum dos dois havia tentado antes, e nunca teria conseguido concluir o trabalho sem a sua disponibilidade, o seu esforço e a sua confiança. Percebo agora que não poderia ter escolhido uma melhor pessoa para orientar o meu trabalho e ficar-lhe-ei eternamente grato.

Gostaria também de agradecer ao professor Doutor Sérgio Dias Branco por ter incentivado durante o primeiro ano de mestrado uma discussão em redor do cinema. Esse primeiro ano foi em larga parte um período de amadurecimento em relação à sétima arte, e não tenho dúvidas de que as aulas do professor Doutor Sérgio foram fundamentais neste desenvolvimento intelectual.

Finalmente, este trabalho de projeto não teria sido possível sem o incentivo e apoio da minha família e amigos. Na Guarda ou em Coimbra, estava rodeado de pessoas que jamais hesitaram em desejar-me o melhor. Agradeço-lhes genuinamente por tudo, e espero um dia poder retribuir de igual modo o auxílio.

Agradeço também à Biblioteca Municipal Eduardo Lourenço, na Guarda. Tanto a disponibilidade do espaço como a simpatia do pessoal criaram um templo de trabalho que ajudou em muito a escrita do trabalho.